

Celso Maria de Mello Pupo

da Academia Campinense de Letras  
da Academia Paulista de História.

MAESTRO ELIAS ÁLVARES LOBO  
Pesquisa e recordações sobre sua vida, sua obra  
e sua família de músicos

"Como a sepultura é a terra do  
esquecimento, assim o céu é a  
pátria da memória".

(Padre Antônio Vieira - "Sermão  
Gratulatório e Panegírico").  
(Vol. XV - pag. 6 - edição 1909  
Livraria Chardon.

Prefácio de Odilon Nogueira de Mattos

## Prefácio

A história da música brasileira (ou no Brasil) tem sido estudada com relativa frequência. Desde fins do século passado, até o recente livro do sr. Vasco Mariz, numerosos autores têm procurado mostrar o sentido da evolução de nossas atividades musicais, recuando o mais possível no tempo, tanto quanto o permitem as pesquisas arquivais. Chegando até aos tempos coloniais, com descobertas magníficas em arquivos mineiros, baianos, pernambucanos, paulistas, já não começa a nossa música com o Padre José Maurício, como antes vinha registrar nos manuais e nos dicionários que tratavam do assunto. Mas, é inegável que só a partir da transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro e, mais ainda, após a Independência, é que se tem um quadro mais sistematizado e programado do que se poderia fazer em matéria de música, embora ainda muito aquém do que se fazia no Velho Mundo. O Rio de Janeiro, agora sede de uma corte, torna-se, como é natural, o centro polarizador de todas as atividades artísticas do país, pouco deixando para as províncias, que, no mais das vezes, vegetam sem possibilidades para o desbrochar de muitas vocações. Há exceções, contudo, e é de uma dessas exceções que trata o presente livro. Um autor que, ao contrário dos demais, não foi bem sucedido na corte, não teve condições de beneficiar-se das vantagens que a capital do Império poderia lhe proporcionar, inclusive a benesse de uma bolsa de estudos, que não pôde desfrutar não teve, conseqüentemente, a projeção que outros menos capazes alcançaram. Sei que se não deve fazer história com base no que teria acontecido, mas, sim, sobre o que efetivamente aconteceu. Mas não custa imaginar como teria sido diferente a trajetória do nosso situando-se a sorte lhe sorrisse de maneira mais favorável e tivesse ele a oportunidade de ver suas obras apresentadas em centros mais capazes de compreender-lhe os vãos do talento.

O período regencial, coincidentemente, viu o nascimento de dois grandes vultos da música brasileira, ambos paulistas e com muito de comum em suas vidas: o campineiro Carlos Gomes, em 1836, e, dois anos antes, o ituano Elias Álvares Lobo. O primeiro, por circunstân -

cias já sabidas e prescindindo de lembrança neste momento, teve uma carreira mais italiana que brasileira. Suas óperas foram encenadas nos maiores teatros líricos da Itália e alcançaram excelente receptividade pois se enquadravam no espírito e na estética do que o público italiano exigia em matéria de ópera. Enfim, óperas que qualquer compositor italiano da época assinaria sem titubeios.

Já o nosso biografado não teve o mesmo destino. O êxito de A Noite de São João, a primeira ópera brasileira (e esta prioridade ninguém lhe tira) fazia crer pudesse o ituano triunfar na corte e, quem sabe, trabalhar no sentido de criar uma ópera mais brasileira que a de outros compositores de seu tempo, a começar por Carlos Gomes. Mas, já o que lhe aconteceu com a segunda ópera, A Louca, foi de molde a desanimá-lo. Criou-se, inclusive, uma lenda (que o autor desfaz) segundo a qual a ópera não foi encenada por haver-se perdido a partitura, restando apenas a belíssima overture. O autor mostra-nos que as coisas não se passaram bem assim, e a uma "estória" banal contrapõe uma "história" séria, pois documentada.

A verdade é que, com o episódio de A Louca, se o Rio de Janeiro perdeu Elias Lobo, ganhou-o sua província natal. Veio para sua terra, depois para Campinas e Itatiba e acabou radicando-se em São Paulo, onde faleceu no início deste século, com uma bela folha de serviços à vida artística da cidade, da província (agora Estado) e mesmo do País. Se não teve a oportunidade que a Corte talvez lhe propiciasse de ver suas óperas encenadas (e a possibilidade de encenação é o maior estímulo para que os compositores as escrevam), voltou-se para a música sacra, aliás muito de seu feitio, e para o ensino da música. Com "entusiasmo e fé", passou a compor missas, oratórios e ainda outras obras sacras de estrutura menor, produção esta que o leitor encontrará criteriosamente arrolada no presente estudo. A simples verificação da respeitável "bagagem" de Elias Lobo faz mais uma vez pensar na triste sina dos compositores brasileiros do passado, que continuam ignorados, quando, com os recursos modernos da gravação, suas obras poderiam ser divulgadas. De tudo quanto Elias Lobo deixou, creio que só uma peça encontra-se gravada: a abertura da ópera A Louca. Te-

na notícia de que o oratório (ou a oratória, como os portugueses, aliás mais acertadamente preferem dizer...) composto para a inauguração da nova matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Campinas (a atual Catedral Metropolitana) foi executado num recente festival de música sacra em São Paulo. Por que não se aproveitou a oportunidade para a gravação de uma obra notável sob todos os aspectos, segundo o depoimento que quantos a ouviram?

O livro que tenho a honra de prefaciар (talvez desnecessariamente) vem preencher uma lacuna. Se lembrei de início que a história da música brasileira vem sendo estudada com relativa frequência, o mesmo já não posso dizer dos compositores brasileiros. A começar pelo maior de todos eles, o campineiro Carlos Gomes. As dezenas e dezenas de livros que sobre ele existem quase sempre se repetem numa enfadonha monotonia sem adiantar quase nada sobre pontos ainda obscuros de sua vida e obra. Fata-lhes a pesquisa arquival que Celso Maria de Mello Pupo soube realizar sobre o mestre ituano. Ocorre, todavia, que Celso Maria de Mello Pupo é homem de arquivo e de pesquisa (como o têm demonstrado seus outros trabalhos) e esta sua característica, aliada à preocupação de honestidade e boa informação, está presente em todas as linhas de seu livro. Documenta tudo, citando com precisão as fontes de que se serviu. E quando tem dúvidas, o que, aliás, raramente acontece, não arrisca e nem avança. Suas fontes são as mais variadas: arquivos públicos, arquivos particulares, coleção pessoal e sobretudo a imprensa. Respigou o que pôde em jornais do Rio, de São Paulo, de Campinas, recolhendo as notícias ou as impressões que lhe pareceram boas para a boa caracterização não apenas do compositor, mas do homem Elias Lobo. Não houve apenas a preocupação de "compôr a biografia transcrevendo estudos alheios", como modestamente afirma, mas de documentar com maior segurança no registro dos conceitos elogiosos. E estes "conceitos elogiosos", o autor vai buscá-los em grandes nomes da imprensa e da vida musical brasileira.

O resultado é que o compositor emerge destas páginas, em corpo inteiro e, mais ainda, propiciando admirável estudo de sua família, pois os últimos capítulos são dedicados à genealogia dos Lobos: "É um privilégio descender de família que conhece a origem de seu

apelido, quando a história registrou seus valores, até época remota, como podem fazer os Lobos de Itu". E a linhagem vem desde D. Francisco Lobo, conselheiro de el-rei e seu embaixador junto a Carlos V., em 1539, até seus mais novos rebentos, em boa parte vivendo hoje em Campinas e em São Paulo, passando por D. Manuel Lobo, o famoso fundador e comandante da Colônia de Sacramento, a mais avançada sentinela lusitana no Atlântico Sul, no século XVII. Não é genealogia desinteressante, enfadonha e monótona, como de comum acontece, mas o autor aproveitou o ensejo para traçar numerosos perfis daqueles que mais se destacaram, acentuando a tradição musical da família, presente mesmo naqueles que não se dedicaram à música. Muitos são nomes que Campinas venera, como entre outros os de Antonio Lobo, Elias Lobo Neto, Paulo Lobo, Pelágio Lobo, Azael Lobo, apelidos que os campineiros se habituaram a ver nos clássicos retângulos azuis indicadores dos nomes das vias públicas. Ou alguns que, mercê de Deus, estão vivos, como a renomada Menininha Lobo, uma das glórias da pianística brasileira.

Uma circunstância especial dá ao livro de Celso Maria de Mello Pupo um valor também especial: ligado, pelo casamento, à família de Elias Lobo (pois veio a casar-se com uma neta do compositor), o autor não produziu apenas um livro de "bonne foi" (como exigia Montaigne), mas um livro também de sentimento, escrito com o coração. E isto, para os que acreditam no sentido humano da História, é tão importante quanto o sentido cultural que ela possa apresentar. E no caso presente aliaram-se os dois...

Odilon Nogueira de Matos

Campinas, março de 1985

É um privilégio descender de família que conhece a origem de seu apelido, quando a história registrou seus valores, até época remota, como podem fazer os Lobos de Itu. Esta família, porém, não só conhece a origem do apelido que usa, mas também suas alianças. Sem grandes buscas, temos logo Dom Francisco Lobo, comendador do Rio Torto na Ordem de Cristo (72), senhor de Torres Vedras, Soure e Pom-bal, do Conselho del-rei e seu embaixador junto a Carlos V em 1539, alcaide-mór de Campo Maior e de Ouguela; casado com Branca da Silva e Meneses que por sua mãe leva a ascendência a Lopo Dias de Sousa, 17º senhor de Sousa, por quem chega até ao primeiro senhor de Sousa que viveu no ano de 800.

Filho de Dom Francisco Lobo e sua mulher Branca de Silva e Meneses, foi Dom Manuel Lobo (Manuel nome tradicional da família até nossos dias) que herdou a alcaidaria-mór de Campo Maior e de Ouguela, a comenda do Rio Torto na Ordem de Cristo, e foi moço fidalgo do príncipe Dom João, acompanhando, depois, a el-rei Dom Sebastião, para com ele morrer na batalha de Alcácer. Casou-se com Francisca de Noronha, filha de Rui de Carvalho, guarda-roupa d'el-rei Dom João III, e de sua mulher Constança de Noronha.

Filha e herdeira de Dom Manuel Lobo foi Maria de Noronha, casada com Antônio de Alcáçova Carneiro, filho do 1º Conde de Idanha, Pedro de Alcáçova Carneiro (73) Te da Condessa Catarina de Sousa por quem vai entroncar nos Sousas Chichorros e na citada Casa de Sousa. Antônio de Alcáçova Carneiro e sua mulher Maria de Noronha, foram pais de Dom Manuel Lobo de Alcáçova (73), que se casou com Catarina de Meneses, descendente de Afonso Rodrigo de Castelo Branco e dos Távoras, pelo seu tetravô Lourenço Pires de Távora, casado com Maria, filha dos 2ºs Condes de Marialva, Dom Gonçalo Coutinho e Brites de Melo, e neta dos 1ºs Condes de Marialva, Vasco Fernandes Coutinho e Maria de Sousa, esta filha de Dom Lopo de Sousa, 17º senhor de Sousa.

De Dom Manuel Lobo de Alcáçova e de Catarina de Meneses, foi filha Maria de Meneses casada com João da Costa Fogaça cuja ascendência varonil sobe até seu 5º avô Nuno Álvares da Costa. De João da Costa Fogaça e Maria de Meneses, foi filho Dom Manuel Lobo, fundador e governador da Colônia do Sacramento, território objeto de controvérsias entre portugueses e castelhanos, hoje nação uruguaia. De Dom Manuel Lobo, governador, tratamos a seguir.

Como de início afirmamos, é um privilégio ter em arquivos e publicações, os registros de tão antiga ascendência, privilégio, entretanto, que não se livra de adulterações na história da família, adulterações que se devem à ignorância e irresponsabilidade dos que falam e escrevem pelo que "ouviram dizer", ou quando tangidos pelo despeito, pela inveja, pela malevolência gratuita.

Pelo século dezessete, desde Laguna até Buenos Aires nada havia de povoado, constituindo-se ali fértil e erma região carente de jurisdição de fato de Portugal. Eram os futuros Estados de extremo sul do Brasil que ainda não se pontilhavam de povoados, de capelas, de freguesias, de pelourinhos e de conselhos, à espera de gente, não apenas em trânsito, mas de colonos e de sesmeiros que lá fossem plantar as sementes para o futuro grandioso de cristianização e de brasilidade.

E em Lisboa cuidou o Conselho Ultramarino do assunto, constatando a necessidade de estabelecer na fronteira meridional do Brasil, a orla dourada do rio da Prata, a Colônia do Sacramento que haveria de ser o baluarte do pendão português, o mastro das quinas de Portugal no mais longínquo território americano do seu poderio. Deve-se mesmo à preocupação de sua grandeza, do próprio príncipe Regente, os seus maiores cuidados para a posse do sul do Brasil, direito que lhe assistia na opinião dos seus conselheiros, mas que lhe contestavam os castelhanos que já penetravam, procurando tomar para si, as terras marginais do Prata. A escolha, pois, de quem àquela terra iria fixar o pendão português, não se faria sem cuidados e exames profundos, já que a empresa, importantíssima para a Coroa e de enormes riscos, exigia o braço de um administrador e político, servidor leal d'El-Rei de Portugal.

De três nomes propostos pelo Conselho Ultramarino, escolheu o soberano português o de Dom Manuel Lobo, um dos seus mais corajosos e esclarecidos generais, veterano da guerra da independência portuguesa, guerreiro incansável contra Castela, e que à pátria vinha servindo "por espaço de mais de vinte anos, desde 1652, até o presente, como soldado, capitão de infantaria, capitão de cavalaria ligeira e coraceiros, general de cavalaria e mestre de campo, achando-se nos feitos que tiveram lugar no reino do Algarve, na província do Alentejo, na Campanha de socorro a Oliveira, na reconquista da praça de Mourão", no sítio de Badajoz para atacar o forte de São Miguel; na defesa da praça de Campo Maior, quando tornou a formar a companhia de cavalos de Albuquerque e entrou quarenta léguas e quatro léguas em território de Castela, em perseguição do inimigo; quando foi dos que com mais valor se conduziram na batalha de Elvas; quando pelos anos de 1659 a 1660, organizou a cavalaria de Badajoz, saindo ao encontro do inimigo cujos primeiros batalhões destroçou, impedindo ainda a sua passagem por onde teria de retirar-se; quando se encontrava de guarda com sua companhia na praça de Campo Maior vindo Dom João de Áustria com quatro mil cavalos a reconhecê-la, procedendo de tal forma que rechaçou não lhes permitindo reconhecer os pontos que pretendiam; quando na retomada de Évora, na te-

mada da praça de Valência de Alcântara, na batalha de Montes Cla- res na qual fez prisioneiro o general da cavalaria castelhana Dom Correia, em Albuquerque, em Montijo e tantos outros feitos, fir- mou seu nome como um dos mais braves generais portugueses para que a preferência real lhe entregasse o governo do Rio de Janci- ro com o especial encargo de fundar a Colônia do Sacramento, co- mo diz a carta patente do Príncipe Regente de Portugal nomeando-o para esta missão.

Ao fazer esta escolha, passou-lhe Dom Pedro a car- ta que, além do registro dos feitos do seu escolhido, dava-lhe todos os poderes para inteiro cumprimento do importante mandato, como dizem estes tópicos:

"Dom Pedro regente e governador dos reinos de Portugal e Algarves, faça saber aos que esta minha carta patente vi- rem, que atendendo aos merecimentos que concorrem na pes- soa de dom Manuel Lobo e aos serviços que me há prestado", "tenho por bem fazer-lhe mercê do governo do Rio de Janci- ro para que o desempenhe pelo tempo de três anos, enquanto o tenha por bem e não mande em contrário"; "enquanto exer- ça o cargo gozará de todos os poderes, de mando, jurisdição e alçada que tem e que há usado outros governadores seus an- tecessores". Dada na cidade de Lisboa, aos 8 de outubro de 1678. ~~(1678)~~ 74

Por decreto de 12 de novembro do mesmo ano, subor- dinou Dom Pedro ao mesmo governador, as capitánias do sul a fim de que pudesse ele cumprir as determinações reais de coloniza- ção. Com todos os poderes e instruções necessárias, não demorou Dom Manuel Lobo em atirar-se à empresa que lhe confiara a Coroa; partiu logo para o Rio de Janeiro onde se empossou no governo aos 9 de maio de 1679. ~~(1679)~~ 75

No Rio Dom Munuel Lobo, tratou ele ~~de~~, pessoalmen- te, <sup>de</sup>organizar a expedição à margem esquerda do Prata; dispondo de grandes recursos de guerra, transportou-se a São Paulo recorrendo à valentia e riqueza bandeirante, requisitando recursos dos poten- tados e constituindo sua tropa com os necessários elementos para a grande marcha para o Sul. Em São Paulo hospedou-se em casa de Fernão Pais de Barros, "uma das maiores fortunas do Brasil no x seu tempo", e com a cooperação paulista completou os preparos de sua expedição composta de infantaria, cavalaria e dezoito peças de artilharia, além de vasta cópia de apetrechos de guerra e abas- tecimento, e de quarenta e oito escravos de sua propriedade par- ticular, tudo embarcado em Santos em dois navios de alto bordo, duas sumacas e mais quatro embarcações menores ~~(7)~~ 77

Ao correr a segunda quinzena de janeiro de 1680, chegou Dom Manuel Lobo ao seu destino, desembarcando para aí fun-

dar a Colônia do Santíssimo Sacramento, o embrião do que é hoje a nação uruguaia (8). 78

Depois de penosos trabalhos para a manutenção da Colônia do Sacramento, sofreu Dom Manuel Lobo vigorosos ataques de forças castelhanas, ávidas da posse da região, e a elas resistiu enquanto se mantinha em saúde, como assegurava o seu passado glorioso de invencível general. Na moléstia que o prestou, porém, um só documento basta <sup>para</sup> provar a sua desventura depois de tão gloriosa vida continuada na Colônia do Sacramento, e finda com honra, como relata Luís Enrique Azarola Gil (79)

Em sua Colônia, Dom Manuel Lobo "se achava quase moribundo e com extrema unção, quando o mestre de campo Antônio de Vera Muxica e seus castelhanos a tomaram". Na Colônia, "defendia o alojamento de Lobo, uma estacada e um capitão valoroso que ali pelejou. No estado em que estava, Lobo se levantou, e com a espada na mão o assistiu, arrimado em um criado, até cair por terra com um paroxismo, junto aos inimigos. Aproximando-se dele Dom Antônio de Vera, já subjugada a Colônia e invadida a estacada, fez levar, ~~Dom Antônio~~ crendo, pelo estado em que estava, que ia expirar" (80)

Dom Manuel Lobo "tendo voltado a si, ainda que no mesmo estado, moribundo, falou ao caudilho correntino. Outra lei de guerra dava a este a propriedade de tudo o que pertencia ao vencido; mas Vera Muxica, sob a impressão que lhe havia causado a atitude heróica do chefe português, renunciou, num impulso generoso, a seus direitos, dizendo-lhe, que como aquela fazenda tocava a ele como comandante do feito, fazia graça dela a Manuel Lobo, para valer-se da mesma na enfermidade, prisão e trabalhos" (81)

"Seu propósito relativamente a Lobo, consistia em deterrá-lo para o Chile juntamente com Soares de Macedo, Farto e Lencastre; mas apiedado pela enfermidade que encurtava os dias do fundador da Colônia, optou por enviá-lo para a cidade de Córdova onde ele permaneceu pelo espaço de dois anos; só ao conhecer-se o texto do Tratado Provisório que se firmou em Lisboa no ano seguinte, foi-lhe permitido retornar a Buenos Aires, onde terminou sua vida combativa a 7 de janeiro de 1683, quatro dias depois de haver escrito a dom Pedro II. ~~a aprovação desta que se temeraria sob o ar-~~ ~~re-28"~~ (82)

"Assim terminou a odisséia de Manuel Lobo na história do Rio da Prata. O tempo e as transformações profundas sobrevindas se encarregaram de atenuar uma recordação que nunca foi viva na memória dos homens, e só a investigação histórica, realizada por espíritos desinteressados, se encarrega de reafirmar sua personalidade de soldado, fundador e herói, acrescida pela magnitude de seu calvário. Durante a época de formação e caos, gerações inteiras ignoraram, no Uruguai, quem foi Lobo; hoje já não o ignoram, e uma rua

~~82~~ ~~83~~ ~~84~~

zinha sossegada contém seu nome à frente do estuário que o viu iniciar o projeto colonizador e fundamental mais considerável de sua época; mas ainda não se chegou a uma etapa cultural das consagrações definitivas, e quando soar essa hora, a pedra de colonização que guarda o sítio de sua empresa, servirá de pedestal à estátua do procônsul" (83).

A publicação do historiador Azarola Gil, escritor e autor de cerca de uma dezena de obras, constitui valiosa contribuição para a história da lusa Colônia do Sacramento, história que se enriquece agora com a reedição do trabalho de Silvestre Ferreira da Silva, citado por Gil, "Relação do Sítio da Nova Colônia do Sacramento" - 1748 - pela Revista de História que se deve à erudição e atividade do saudoso acadêmico Eurípides Simões de Paula, reedição preliminarmente anotada pelo acadêmico Pedro Brasil Bandachi. A Colônia continuou como alvo das disputas entre lusos e castelhanos, e "sua história está repleta de lances que tocam às raias da epopéia" como assegura o ilustre anotador (84).

E pouca gente sabe que o Rio de Janeiro homenageia até hoje o seu governador e fundador da Colônia do Sacramento, dando-lhe o nome, Dom Manuel Lobo, à uma pequena rua que se inicia na Praça 15, com a fachada principal do Paço Real (antigo Palácio dos Vice Reis).

Está na Torre do Tombo o testamento do General Manuel Lobo, governador do Rio de Janeiro e fundador da Colônia do Sacramento. Faleceu em Buenos Aires, prisioneiro dos espanhóis, em 7/I/1683, sendo seus despojos repatriados graças aos esforços de seu irmão Dom Gonçalo da Costa de Menezes, governador de Angola, em 1693.



54  
em Olinda, de Antônio Francisco de Barros Leite), aos quais se pode acrescentar Aristides da Silveira Lobo, notável nos primeiros anos da República.

Manuel Lobo de Albertim e seu irmão Luís, abandonaram o apelido paterno Lannoy; aquele nasceu em Olinda onde foi ouvidor e se casou com Antônia Gomes da Silva, também natural de Olinda, de cujo casamento teve:

Capitão Manuel Lobo de Albertim Lanóia (aportuguesamento do Lannoy) nascido em Maranguape, RN, onde foi batizado na freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres, a 16 de junho de 1716, tendo por padrinho o avô paterno Pedro Lelou de Lannoy. Fixou-se em Paranaguá onde foi capitão de milícia e escrivão da Câmara. (84)

De seu conceito honroso, atesta a correspondência que teve com o governo da capitania:

Carta para o Alferes Manuel Lobo de Lanóia - em Paranaguá:

"A presente ocasião é de honra, e forçosa para todos os Vassallos de Sua Majestade, que se oferecem servir ao mesmo Senhor por si, ou por seus filhos: Eu não devo considerar a Vossa Mercê menos honrado, que os muitos que já me têm ofertado seus filhos para as Tropas Voluntárias, que estou levantando; assim espero que me mande a seu filho, que suposto seja Sacristão pode Vossa Mercê substituir em seu lugar ao outro filho que tem: Reflita Vossa Mercê que lho peço quando podia mandar recrutar. Deus guarde a Vossa Mercê. São Paulo 26 de Agosto de 1775. De ~~83~~ Vossa Mercê venerador. (a) Martim Lopes Lobo de Saldanha." (85)

Vinte anos depois ainda lhe davam encargo de confiança:

"Porquanto Manuel Lobo de Albertim Lanóia vai encarregado de conduzir em sua companhia, desta cidade para a vila de Paranaguá, uns escravos de Sua Majestade, e entregar no Cubatão Geral dessa vila: Ordeno aos capitães-móres e justiças das mais vilas, por onde houver de passar, lhe dêem todo o auxílio de que necessita para comodidade do transporte dos referidos escravos: e o administrador do dito contrato pague ao condutor toda despesa que fizer com os preditos escravos e assim na passagem dos rios, como no necessário sustento. São Paulo 15/11/1796. Com rubrica de S. Excia." (86)

E sobre a mesma incumbência foi escrito ao capitão contratador:

"Por Manuel Lobo de Albertim Lanóia, manda o Ilmo. e Exmo. Snr. General entregar a vöcemecê uns escravos pertencentes a Sua Magestade, os quais se vieram a valer do mesmo Senhor, achando-se destinados e ocupados no serviço do Cubatão Geral dessa vila, de que é vöcemecê o respectivo contra-

tante: eles dão por defesa de sua culpa a pouca caridade que vocemecê pratica com eles, assim em lhes faltar com o preciso vestuário, como nos indispensáveis alimentos da humana vida; seja ou não seja isto verdade, o mesmo senhor os dá a vocemecê por muito recomendados e que além de os não castigar pelo presente delito, daqui em diante os conserve em melhor estado como fazenda de Sua Majestade. Deus Guarde vocemecê. São Paulo 18/11/1796" (a) José Romão Junot. Ao "Snr. capitão contratador Manuel Gonçalves Guimarães" (87)

Manuel Lobo de Albertim Lanóia foi casado em Paranaguá, a 2 de dezembro de 1752, para ser o tronco do ramo paranaense de sua família, como, em carta de 21 de março de 1928, dirigida ao escritor e jornalista Leocádio Correia, expôs o historiador Ermelino de Leão (88)

Casou-se Manuel Lobo de Albertim Lanóia com Maria Francisca Xavier, batizada a 6/2/1718, filha de Salvador Correia da Fonseca e de Joana Ribeiro do Prado, todos naturais da mesma vila de Paranaguá. Teve os filhos:

1. José Manuel Lobo (I), nascido em 1753, que segue.
2. Padre Manuel Lobo de Albertim Lanóia, nascido em Paranaguá onde foi batizado a 14/9/1755 (89)
3. Ana Micaela, nascida em 1757.
4. Maria Clara da Assunção, nascida em 1760, casada com o sargento-mór Manuel Antônio da Costa Nogueira.

José Manuel Lobo (I), nasceu em Paranaguá falecendo na mesma vila; deixou de próprio punho a notícia de seu casamento e nascimento dos filhos, que transcrevemos, de cujo texto teve exemplar o seu descendente Antônio Álvares Lobo:

"Aos 26 do mês de Setembro de 1780, em dia terça-feira, casei eu José Manuel Lobo, de idade de 27 anos, natural desta vila, filho legítimo do Alferes Manuel Lobo de Albertim Lanóia, este filho legítimo do Capitão Manuel Lobo de Albertim e de D. Antônia Gomes da Silva, naturais todos da cidade de Olinda em Pernambuco; e de Maria Francisca Xavier, esta filha legítima de Salvador Correia da Fonseca, e de sua mulher Joana Ribeira do Prado, todos naturais desta Vila. Com Maria Florianiana Angélica, da idade de 14 anos natural da vila de Curitiba, filha legítima de Inácio Gomes de Medeiros natural da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar, este filho legítimo de

Luís Gomes natural da ilha da Madeira, e de Ângela Correia de Mendonça, esta natural da mesma freguesia do Pilar: e de Maria Francisca Angélica, natural desta vila, filha legítima de Lucas Francisco de São Paio natural de São João de Varão, Arcebispado de Braga, e de Maria Francisca da Assunção natural desta vila de Paranaguá."

1. "Aos 11 do mês de Julho de 1781, nasceu minha filha Ana, em dia quarta-feira às 2 horas da tarde; foi batizada Domingo - 26 do mês de Agosto do predito ano; e não se batizou mais cedo, por estar a espera do Revm<sup>o</sup> Vigário Pedro Domingues Pais Leme de quem era afilhada, por este se achar ausente de quem apresentou procuração ao D<sup>e</sup> Antônio Vidal Lage de Barbosa. Neta por parte paterna do Alferes Manuel Lobo de Albertim natural da cidade de Olinda em Pernambuco, e de Maria Francisca Xavier natural desta vila; e por parte materna de Inácio Gomes de Medeiros natural da freguesia do Pilar e de Maria Francisca Angélica, natural desta vila de Paranaguá. Foram padrinhos o mesmo Revm<sup>o</sup> Padre Pedro Domingues e minha Tia Ana Ribeira do Prado mulher do Ajudante Manuel da Cunha.

2. Nasceu minha filha Maria aos 4 de Fevereiro de 1783 às 6 horas da tarde: foi batizada aos 12 do predito mês pelo Revm<sup>o</sup> Vigário Pedro Domingues Pais Leme: foram padrinhos meu sogro Inácio Gomes de Medeiros e minha irmã Ana Micaela; avós procurem no ponto primeiro.

3. Aos 11 do mês de Dezembro de 1785 ao 1/2 dia em dia Domingo: Nasceu minha filha Emerenciana: foi batizada aos 19 do predito mês pelo Revm<sup>o</sup> Vigário Pedro Domingues Pais Leme: foram padrinhos meu irmão Manuel Lobo e minha sogra Maria Angélica: Avós procurem no primeiro. Declaro que antes desta tive um macho que nasceu de 8 meses morto. Faleceu aos 22 de Agosto de 1787 de idade de 1 ano e sete meses.

4. Aos 11 do mês de Dezembro de 1787, nasceu minha filha Rita às 7 horas da manhã em dia Segunda-feira; foi batizada pelo Revm<sup>o</sup> vigário Pedro Domingues Pais Leme no dia de natal: foram padrinhos o Revm<sup>o</sup> Antônio Moreira Barbosa seu tio-avô e minha mãe Maria Francisca Xavier, avós procurem no 1<sup>o</sup> assento.

5. Aos 3 do mês de Junho de 1789, ao 1/2 dia quarta-feira, nasceu meu filho José: foi batizado aos 11 do predito mês, dia de Corpus Christi pelo Revm<sup>o</sup> vigário Pedro Domingues Pais Leme: foram padrinhos o Ajudante Manuel da Cunha Gamito e minha irmã Maria Clara mulher de Manuel Antônio. Avós procurem no 1<sup>o</sup> assento" (é o José Manuel II, que segue) .

6. "Aos 27 do mês de Outubro de 1790 nasceu minha filha Bárbara em dia quarta-feira às 3 horas da madrugada: foi batizada a 9 de Novembro em dia terça-feira, pelo Revm<sup>o</sup> vigário Pedro Domin-

gues Pais Leme. Forão padrinhos meu cunhado Manuel Antônio da Costa e minha irmã sua mulher Maria Clara. Avós procurem no 1º assento.

7. Aos 12 do mês de Julho de 1792, nasceu minha filha Joaquina em dia quarta-feira; faleceu daí a 8 dias depois de batizada. Foram seus padrinhos Lourenço Maciel Azamor e sua mulher Vitória Ruiz França.

8. Aos 2 do mês de Março de 1794, nasceu minha filha Francisca em dia Domingo às 7 horas e 1/2 do dia; foi batizada aos 9 do mesmo mês pelo Rev. Antônio H'z Cordeiro com licença do Rev. vigário Pedro Domingues Pais Leme e foram padrinhos o Capitão Manuel Al'z e D. Rosa Ana Maria filha do falecido Capitão Francisco Pereira de Belém.

9. Aos 9 de Julho de 1799, nasceu minha filha Francisca em dia segunda-feira às 6 horas da tarde; foi batizada aos 16 do predito mês pelo Rev. vigário Joaquim Júlio da Ressurreição Leal, dia de Nossa Senhora do Carmo. Foram seus padrinhos o Rev. Manuel Lobo e de Albertim Lanóia seu tio, e D. Rosa Ana Maria filha do Capitão Francisco Pereira Belém" ( ) 90

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

José Manuel Lobo (II) nasceu em 1789, em Parana-  
guá, em cujo Livro do Regimento de Milícias, da qual fazia parte, ~~xxxx~~  
consta como solteiro, de "estatura ordinária, cabelos castanhos, olhos  
pardos". Mudou-se para Itu onde já estava em 1816 (91), e onde foi  
escrivão da Cuvidoria Geral da Comarca, nesta qualidade presente em  
Franca, a 28/11/1824, acompanhando o Cuvidor Geral Antônio de Almeida  
e Silva da Fonseca, para ato da ereção da vila, da mesma freguesia.  
Sua "probidade e honradez, Feijó muito estimava" (99). Faleceu em  
Itu a 13/10/1840.

Casou-se, em primeiras núpcias, na Sé de São Paulo,  
aos 30/11/1811, com Francisca de Paula Almeida, natural de Sorocaba,  
viúva de Manuel José Vilarinho. Teve, deste casamento: (144): 93

1. José Lobo de Albertim, nascido em Itu onde foi batizado a 9/10/1816,  
casado na mesma vila a 29/5/1843, com Ana Francisca de Mesquita.
2. Maria Luísa das Dores, nascida e batizada em Itu, onde se casou a  
24/3/1840 com Joaquim Feliciano da Costa, natural, batizado e então  
freguês da vila de Castro, PR, filho de Feliciano da Costa de Mes-  
quita e de Maria Francisca de Almeida.
3. Luís.
4. Joaquim.
5. Maria das Dores Albertim, casada a 30/7/1844 com  
Francisco da Paula Certain, natural e então freguês de Castro, fi-  
lho de Augusto Certain e de Joaquina Dionísia Certain. (O assenta-  
mento de casamento diz ser Maria das Dores filha do segundo casa-  
mento; mas é evidente o erro do escrevente porque a segunda esposa  
de José Manuel Lobo, nasceu em 1808, e tinha, portanto, quatro anos  
de idade quando nasceu Maria das Dores, em 1812 diz o recenseamento

Em segundas núpcias, casou José Manuel Lobo, como  
consta do assentamento de Itu:

"Aos 25 de novembro de 1823, por despacho de Sua Excia. Rvma.  
dispensados de todas as diligências do costume, em casa particu-  
lar na presença do Rvmo. Francisco Leite Ribeiro e das testemu-  
nhas Rvdo. Brás Luís de Pina e o Sargento-mór João Manuel Martins  
César, casado, se receberam em matrimônio José Manuel Lobo, viú-  
vo por falecimento de Francisca de Paula Almeida, e Teresa Xavier  
de Jesus, filha legítima de Manuel Alves Lima e Ana Esméria do  
Lado de Cristo; a contraída neta, por parte paterna, de Manuel Al-  
ves Lima e de Teresa Xavier de Jesus, pela materna ignoram". (a)  
o Vigário José Rodrigues Castanho.

Como diz resumidamente o assentamento, Teresa Xavier Álvares de Lima (940), nascida em 1808 (out10), (foi Teresa Xavier Álvares de Almeida Lima, como também consta de documentos) segunda mulher de José Manuel Lobo (II), era filha de Manuel Alves de Almeida Lima (920) e de sua mulher Ana Esméria do Lado de Cristo, que deixou retrato em tela a óleo, como bela e distinta senhora, na coleção, que conhecemos, do seu bisneto Antônio Álvares Lobo. Do segundo casamento de José Manuel Lobo, nasceram; como documenta o cartório eclesiástico de Itu, e outras fontes citadas:

- 6. Francisco Álvares Lobo, nascido em 1824, casado, com geração.
- 7. Ana Januária Eulália de Albertim, nascida em 1826, casada em Itu a 1/7/1841, no "oratório de Dona Teresa Xavier Álvares Lobo", com João Carlos Duarte, filho de José Carlos Duarte e Úrsula Maria Duarte.
- 8. Adelaide Justa de Lima, casada em Itu a 30/7/1844 com Brás Carneiro Leão, com geração.
- 9. Manuel Álvares Lobo, nascido em 1831, tomou posse do cargo de secretário da Câmara de Tietê a 7/1/1852, mudando-se depois para Sorocaba onde se casou com Teresa Pereira de Arruda (960), filha de Marcelino José Pereira e de Antônia Eufrosina de Oliveira; neta paterna de Lourenço Leite de Cerqueira e de Maria de Arruda; neta materna de João Leite de Cerqueira e de Ana Vitória de Oliveira. Teve dez filhos (970). Residiu também em Piracicaba onde foi o 2º Tabelião, e onde estava em novembro de 1871, quando se fez no dia 3, o sepultamento de Melchior de Melo Castanho, com "missa de corpo presente e música sacra" de sua autoria (980).

Manuel Álvares Lobo, segundo a publicação "Marcelo Tupinambá" de autoria de Benedito Pires de Almeida, pag. XIII, era conhecido como Manequinho Lobo; não era italiano como erradamente afirma a publicação, e casou-se em Sorocaba com Teresa Pereira de Arruda, o que modificou a situação de Eduardo, filho do casal, que, com o casamento dos pais, tornou-se um filho legítimo, o primeiro dos dez filhos que o casal teve. Eduardo Lobo que sempre viveu em Tietê até mudar-se em 1894 para Itapetininga, segundo o mesmo livro, casou-se e foi pai de Fernando Lobo, o conhecido autor musical sob o pseudônimo de Marcelo Tupinambá, ainda aumentando as provas da genealidade dos Lobos para música.

- 10. Carolina, nascida em 1833.
- 11. Elias Álvares Lobo, que continua.
- 12. Umbélia Clara de Albertim, nascida em 1837, casada em Itu a 10/10/1856, com Joaquim Mariano da Costa, filho do cirurgião-mór Francisco Mariano da Costa e de Maria Teresa do Monte Carmelo. Com geração.
- 13. José Alves da Conceição Lobo, nascido a 8/12/1840, filho póstumo; seu pai havia falecido em 13 de outubro. Foi casado com Isabel Antunes de Miranda, filha de Manuel Joaquim Antunes e de Teodora Maria de Miranda do Nascimento, com geração.

O MAESTRO E SUA FAMÍLIA DE MÚSICOS

Nasceu o Maestro Elias Álvares Lobo em Itu, a 9 de agosto de 1834, e foi logo batizado, evidentemente por correr risco de vida, como aconteceu com outro conhecido músico, André da Silva Gomes, em Lisboa, que, por perigo de vida, foi batizado em casa, recebendo depois os Santos Óleos na sua freguesia ~~( )~~. Diz o assentamento do pequeno Elias:

"Aos vinte dias do mês de agosto de mil oitocentos e trinta e quatro, nesta Matriz, o Rvdo. Francisco Leite Ribeiro pôs os Santos Óleos ao inocente Elias e foi batizado em casa, por necessidade, pelo Padre Elias do Monte Carmelo, de idade de catorze dias, filho do Juís de Paz José Manuel Lobo e sua mulher Dona Teresa Xavier de Jesus; padrinhos o mesmo Reverendo Elias do Monte Carmelo e Dona Ana Esméria, todos desta Vila" (a) O Vig<sup>o</sup> Brás Luís de Pina ~~( )~~ 99

Tinha Elias, por madrinha de batismo, a sua avó materna. Casou-se em Itu com Elisa Eufrosina da Costa, na mesma vila nascida a 13/1/1839 e batizada a 20, e falecida em Campinas a 26/12/1883; filha do cirurgião-mór Francisco Mariano da Costa e de Maria Teresa do Monte Carmelo ~~( )~~ 100; neta paterna de Joaquim Mariano da Costa e de Ana Maria da Costa; neta materna de Antônio Luís Penalva e de Francisca Rosa de Sant'Ana ~~( )~~ 101. Diz o assentamento:

"Ao 1<sup>o</sup> de setembro de 1855, nesta matriz, feitas as diligências do estilo, em minha presença e das testemunhas Tristão de Abreu Rangel e Vicente Bernardo de Almeida, receberam-se em matrimônio Elias Álvares Lobo, filho do finado José Manuel Lobo e Dona Teresa Xavier Lobo, e Dona Elisa Eufrosina da Costa, filha de Francisco Mariano da Costa e Dona Maria Teresa, todos desta, de que fiz este assento" ~~( )~~ 102

Em 20 de novembro de 1856, alugava Elias Lobo, a sua, provavelmente, primeira casa de morada, o que já historiamos no centenário de seu filho Paulo: "Em setembro de 1855, em Itu, José da Costa Sobrinho firmava um acordo de aluguel de uma casa que pertencia a Nossa Senhora da Conceição. Ele reformaria a casa e descontaria as despesas do aluguel mensal que se havia fixado em dois mil e quinhentos réis. Largo tempo demorou para que Nossa Senhora resgatasse a dívida da reforma de sua casa, pois as despesas se elevaram a quarenta e quatro mil réis". "Mas o inquilino Costa Sobrinho não demorou na casa mais de nove meses e transferiu o contrato a José Ferraz de Arruda e Sá, em 8 de julho de 1856. Este senhor Arruda e Sá, mais apressado foi na sua mudança deixando a casa de Nossa Senhora, pois passou o contrato de aluguel (quatro meses depois) em 20 de novembro do mesmo ano de 1856, a Elias Álvares Lobo, moço de vinte e dois anos que se havia casado" dez meses antes ~~( )~~ 103

Sobre a família de Elisa Eufrosina, uma valiosa informação foi dada pelo seu irmão Tristão Mariano da Costa, que deixou em mãos de Antônio Álvares Lobo as notícias que transcrevemos:

"Itu, 30 de julho de 1905.

Em resposta à vossa carta de 29 do corrente, pedindo a genealogia de nossa família pelo lado de vossa mãe, tenho a dizer-vos: Antônio Luís Penalva (1824) casado com Francisca do Monte Carmelo tiveram os filhos José, Joaquim, Bento, Antônio (padre), João e Maria Teresa da Costa (vossa avó materna); esta casou-se com Francisco Mariano da Costa".

"Vosso avô, o cirurgião Francisco Mariano da Costa, muito amigo do Padre Diogo Feijó, D. Antônio Joaquim de Melo, Padre João Paulo, Senador Paula Sousa e outros daquele tempo, tomou parte nesse movimento que daqui de Itu partiu para a nossa Independência; ele era filho único de Joaquim Mariano da Costa (vosso bisavô) e de Ana Maria da Costa, irmã do Coronel João Floriano da Costa (que morreu em Sorocaba), Vicente da Costa, Francisco da Costa, Fidélis da Costa e outros que não me lembro.

O vosso bisavô, Joaquim Mariano, morreu em Cuiabá numa das monções que naqueles tempos iam atrás de riquezas do ouro da-  
quele estado, e porque o vosso tataravô Feliciano da Costa <sup>Ferrado. veja nota 108</sup>), pai de Joaquim Mariano, para lá tinha ido e escreveu convidando o filho; vossa bisavó Ana Maria da Costa recusou-se e ficou com o vosso avô, seu filho único, Francisco Mariano; quando logo depois o Capitão-Mór de Itu, Vicente Taques de Góis, por motivos de demanda das terras, começou a perseguir os filhos de Vicente da Costa e de Ana Maria da Costa (vossa bisavó) que tinha um só filho e esse mesmo foi recrutado e mandado para São Paulo, no princípio do século 19 quando era Governador o General Horta. Nessa ocasião tinha vindo para São Paulo um médico de Coimbra e por ordem do General abriu uma escola prática (mais de cirurgia do que de medicina) onde vosso avô, Francisco Alves Machado (célebre operador) e Tomás Gonçalves Gomide, ao todo 6 estudantes, aprenderam a medicina. Em 1811, quando D. Diogo de Sousa invadiu o Estado Oriental, vosso avô Francisco Mariano da Costa foi como cirurgião ajudante do batalhão que daqui de São Paulo foi reunir-se às forças de D. Diogo de Sousa para a dita invasão. Dois primos irmãos de meu pai, Coronel João Floriano da Costa e Capitão Bento José de Sousa, lá estiveram também; guardo ainda a carta de cirurgião de vosso avô, Francisco Mariano, que a obteve em 1819, no governo de D. João VI, depois que tinha voltado do Rio Grande do Sul e veio morar outra vez em Itu, onde se casou com vossa avó Maria Teresa na casa do pátio do Patrocínio, hoje Externato do Colégio de São José" (114).

Casou-se, pela segunda vez, o Maestro, em Campinas, a 9/8/1884 (dia em que completava cinquenta anos de idade),

na matriz de Santa Cruz e Nossa Senhora do Carmo, com Isabel de Arruda, segundo assentamentos:

"Aos 9 de agosto de mil oitocentos e oitenta e quatro, na Matriz desta Paróquia, em minha presença e das testemunhas Antônio Álvares de Lima, Dona Antônia Eufrosina de Andrade Lima, José da Rocha Campos e Dona Gertrudes Leonísia de Barros, receberam-se em matrimônio os nubentes Elias Álvares Lobo e Dona Isabel de Arruda, esta freguesa desta Paróquia, filha legítima de Benedito José Outeiro e de Dona Isabel Ferraz de Arruda; aquele freguês da Conceição, viúvo por óbito de Elisa Eufrosina da Costa Lobo" (a) Francisco de Abreu Sampaio. (115).

Deixou o Maestro, que faleceu a 15 de dezembro de 1901, do primeiro casamento, os seguintes filhos:

- 1 - Jerônimo Álvares Lobo
- 2 - Antônio Álvares Lobo
- 3 - Ana Esméria Lobo
- 4 - José Manuel Lobo
- 5 - Teresa Álvares Lobo
- 6 - Elias Álvares Lobo Filho
- 7 - Paulo Álvares Lobo

Do segundo casamento:

- 8 - Maria do Carmo Álvares Lobo
- 9 - Leão Álvares Lobo
- 10 - Margarida Álvares Lobo
- 11 - Joaquim Álvares Lobo
- 12 - Isabel Álvares Lobo
- 13 - Tarcísio Álvares Lobo.

1. Jerónimo Álvares Lobo, maestro-compositor, nascido em Itu a 16 de março de 1857, faleceu em Campinas a 17 de janeiro de 1911. Tendo-se dedicado à música desde cedo, lecionou piano durante muitos anos na cidade de Santos; mais tarde lecionou música em estabelecimentos oficiais na capital do Estado e, posteriormente, foi nomeado para o cargo de professor de música na antiga Escola Complementar de Campinas (hoje Instituto de Educação), cargo que ocupou até sua morte. Além de instrumentista (piano e violino), dedicava-se também à regência orquestral. Suas principais composições foram de músicas sacras e escolares. Casou-se com Maria Elisa de Azevedo Marques, filha de Inácio Roberto de Azevedo Marques e de Elisa de Melo Azevedo Marques. O casal teve onze filhos, dos quais sete atingiram a idade adulta: (116)

11 - Elias Álvares Lobo Neto, maestro-compositor, nascido em Santos a 17/9/1883, faleceu em Campinas a 28/11/1930. Substituiu o seu pai na cadeira de música da Escola Complementar, dedicando-se, de modo especial, não só ao ensino teórico, como ao de canto orfeônico. Sua principal atividade musical foi, porém, no terreno da composição: poemas musicais, canções, cânticos escolares e religiosos, etc., além de composições inéditas, das quais podemos citar: Ave Maria - Hino ao Brasil - O Canto da Esperança, versos de Gomes Leal, valsa lenta - Cigarra, versos de Vitor Caruso, romança com cordão e duas vozes - Saudades, valsa lenta, versos de Casimiro de Abreu - A Um Coração, canto - Quadras, canto - Aos Anos Dela, canto - Guitarra, canção triste - Aos Sinos, invocação, canto - Desilusão, valsa para piano - Lunetas e Monóculos, valsa para piano - Manon, valsa para piano - Aí Batuta, tango para piano - Hino do Terceiro Grupo Escolar, letra de Basílio de Magalhães (117) - Hino da Despedida, que o autor ensaiava com suas alunas quando teve um desmaio e foi levado em socorro, para morrer - Kirie - Glória - Sanctus - Ave Maria (118) - Missa Sursum (119) - Assunção da Virgem, composta e dirigida pelo autor na festa da Santa Casa de 15/8/1926 (120). A décima sétima, décima oitava e décima nona citadas, também foram executadas em festas de Nossa Senhora da Boa Morte, da Santa Casa, como relatou Benedito Otávio em 1909: "Elias Lobo Neto, com uma exata compreensão dessas verdades, convencido da necessidade da transformação que o Moto próprio de S.S. o Papa Pio X estabelece, exerceu e fez exhibir na referida solenidade, três composições suas baseadas no estilo polifônico, ligado, e reveladoras do seu talento musical. Foram esse Kirie e esse Glória de estréia naquela missa, e o Sanctus, já anteriormente executado e não menos merecedor de encômios dos entendidos." (121). E disse mais a imprensa: "o Diário Popular em sua edição de ontem, referiu-se cativamente ao nosso companheiro de trabalho Elias Lobo Neto, autor de músicas sacras executadas nesta ci-

dade, nas últimas festas da Santa Casa ". "Eis que surge em Campinas, nesse glorioso ninho de gênios, mais um artista de valor. Referimo-nos ao jovem Elias Lobo Neto, que acaba de fazer grande sucesso naquela cidade, apresentando-se no gênero sacro, tão difícil de cultivar na sua verdadeira linha estética" E na mesma Capital, o jornal "O São Paulo", no dia 25, afirmava: "Em Campinas surgiu um desvelado cultor da música sacra, o jovem Elias Lobo Neto, que tem recebido muitos elogios". (122)

Traços biográficos de maior profundidade, foram escritos pelo Dr. Celso da Silveira Resende, que se destacava, em todos os seus brilhantes trabalhos, pela ~~profundidade~~ segurança com que os apresentava; disse de Elias Lobo Neto: "A sua inata vocação para a arte musical, revelada desde a infância, não o fez unicamente estudá-la e admirar-lhe as belezas. O seu inspirado talento o fez produzir desde moço. Aos 18 anos já compunha. A sua inspiração não era somente vasta e ampla, abrangendo os mais variados gêneros musicais, mas era, sobretudo, profunda, pois abordava, com inteligência e sentimento, os mais difíceis temas. Os seus hinos sacros são uma prova patente de que o seu talento não era de superfície. Nos gêneros religiosos e coral, é que se destacaram as mais belas e inspiradas produções. Do primeiro, temos, além dos vários hinos sacros, já citados: Sursum Corda, Requiem, Libera me. Do segundo: Alvorada, Meio Dia, Luar de Amor, Berceuse, Meus Oito Anos, Todos Cantam sua Terra, e outras mais composições que pôs em música. Convém citar aqui, que Elias Lobo Neto compôs especialmente, e regeu, A Assunção da Virgem, música religiosa para comemorar o 50º aniversário da fundação da Santa Casa, em 15 de agosto de 1926."

"Em outro gênero de composição, o popular, não foram menos perfeitas as suas altas qualidades de musicista. Neste, fazem-se notar, entre outras, pela inspiração e emotividade; Mal Secreto, Quadras, Folhas Soltas (que apenas musicou), Aos Anos Dela, e a célebre Guitarra, a qual, tendo sido cantada na Bélgica pelo tenor Bustamante de Camargo, na presença dos soberanos deste País, neles despertou tal entusiasmo e arrebatamento, que fizeram questão de obter uma cópia da música. Peças variadas, para canto, piano e orquestra, em farta messe, ainda brotaram do seu privilegiado engenho musical. O seu forte talento não se limitou, contudo, à Música - a sua "qualité maitresse". O seu estro não foi somente o dos sons, pois que dominou, por igual, na Poesia - de que foi cultor - a qual, como aquela, também é sujeita ao ritmo, à métrica, à harmonia... Foi, ainda, jornalista, tendo colaborado, assiduamente, nos jornais de Campinas".

(122) (Apêndice sobre o biografado).

sacras executadas nesta cidade, nas últimas festas da Santa Casa. Eis que surge em Campinas, nesse glorioso ninho de gênios, mais um artista de valor. Referimo-nos ao jovem Elias Lobo Neto, que acaba de fazer grande sucesso naquela cidade, apresentando-se no gênero sacro, tão difícil de cultivar na sua verdadeira linha estética. E na mesma Capital, o jornal de São Paulo, na dia 25, afirmava: "Em Campinas surgiu um desvelado cubitor da música sacra, o jovem Elias Lobo Neto, que tem recebido muitos elogios" (xxx)

Gozava o maestro-compositor de amplo e elevado conceito no meio em que vivia, o meio artístico do ensino, e dispunha de um campo extenso de admiradores. Como se pode ver no presente trabalho, a imprensa sempre noticiou, com largueza e com referências especiais, os falecimentos das pessoas eminentes da família Lobo. Mas, ao falecer o Maestro Elias Lobo Neto, logo após o triunfo da revolução de 1930, quando seus parentes políticos já não se aproximavam do sol de domínio administrativo do país, jornal de Campinas, dirigido por revolucionário triunfante, entre notícias longas de falecimentos, até de estudante que não tinha, por muito moço, currículo de serviços à coletividade, apenas divulgou a morte do estimado compositor e professor musical, com a notícia: "Faleceu ontem às 21 horas, à rua José Paulino 1192, o sr. professor Elias Lobo Neto, natural de Campinas e filho do falecido Jerônimo Álvares Lobo e da sra. d. Maria Elisa Álvares Lobo. Contava o finado 49 anos de idade, era casado com a sra. d. Maria Isabel Bulcão Giudice Lobo de cujo consórcio deixa três filhos". ~~XXXXXXXX~~ Depois a notícia se referiu a irmãos e tios, e a particularidades do enterro, para terminar: "Em sinal de pesar pela morte do antigo professor de nossa Escola Normal, foram suspensas todas as festas de formatura dos professores deste ano" (123)

*(falecida a 15 de dezembro de 1985)*

Mas, jornal da Capital noticiou seu enterramento: "Realizou-se sábado último, às 16 horas, em Campinas, o enterro do professor Elias Lobo Neto, lente de música da Escola Normal daquela cidade. O corpo foi transportado a mão até a Catedral, onde foi feita uma encomendação solene pelo Cônego João Loschi acompanhada pelos cantores daquele templo. Após o ato, foi o féretro conduzido para o cemitério da Saudade, tendo sido acompanhado a pé pelas alunas do extinto. Antes do corpo baixar à sepultura, em nome de suas colegas, falou a senhorita Iolanda Cunha Castro, despedindo-se do seu professor. Em nome dos professores da Escola Normal, falou o sr. José Vilagelim Neto" (124). Tais notícias e o fato de terem sido suspensas todas as festas de formatura do professorado do ano, atestam a vastidão do pesar causado pela morte do professor, e o seu grande mérito. De seu casamento ficaram os seguintes filhos: 1, Henrique Luís Giudice Lobo, radialista, casado com Adalgisa Merz, com geração, 2, Vera Lobo Teixeira de Camargo, casada com Cid Teixeira de Camar-

66

go, da Fazenda Federal, aposentado, sem geração. 3, Plínio Orlando Giudice Lobo, industrial, casado com Maria Estela Assis, com geração.

12 - Maria do Carmo, que tomou o hábito das Religiosas de São José, com o nome de Irmã Maria dos Serafins, tendo servido em colégios e hospitais confiados aos cuidados da Irmandade, o último dos quais foi a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

13 - Aristides Álvares Lobo, que foi alto funcionário da Companhia Mojiana de Estradas de Ferro. Casado com Oscarlina Guimarães Lobo, deixou os seguintes filhos: 1, Pedro Guimarães Lobo, engenheiro, casado com Creusa de Campos; com geração. 2, José Carlos Guimarães Lobo, advogado. 3, Luís Urbino Guimarães Lobo, advogado. 4, Geraldo Guimarães Lobo, engenheiro industrial.

14 - Antônio Lobo Sobrinho, advogado, foi promotor público em Ibitinga e Pitangueiras, secretário da presidência da Câmara dos Deputados Estaduais, assessor no Conselho Administrativo do Estado e do gabinete da Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça de São Paulo, e, por último, procurador da Fazenda do Estado. Foi casado com Odila Guimarães Lobo, sendo seus filhos: 1, Maria Idalina Lobo Schlichting, casada. 2, Roberto Guimarães Lobo, advogado, casado em São Paulo com Carmen Lídia Andreucci, com geração. Cecília Lobo Fonseca, casada com o eng<sup>o</sup> Ernani de Andrade Fonseca, com geração. 4, Fábio Luís Guimarães Lobo, médico, casado com Ângela Ribeiro, com geração. 5, Odila Lobo Netto casada com seu primo Paulo Lobo Netto.

15 - Elisa de Azevedo Lobo, musicista, professora na Escola Normal de Campinas (hoje Instituto de Educação), aposentada, falecida.

16 - José Inácio Lobo, <sup>(125)</sup> médico, professor, livre docente da Universidade de São Paulo, professor e um dos fundadores da Escola Paulista de Medicina, Médico Emérito da Santa Casa de São Paulo, foi chefe do Hospital Vital Brasil e do Serviço de Endocrinologia Humana do Instituto do Butantã e membro da Academia de Medicina de São Paulo. Dele disse Gustavo Friozzi: "A partir do 3º ano de vida acadêmica, começou a frequentar, na Santa Casa de Misericórdia, o Serviço de Clínica da 2ª Medicina de Mulheres, do qual era chefe o Dr. Ribeiro de Almeida, tendo aí trabalhado sob a orientação do então assistente, Dr. Raul Margarido. Trabalhou ainda nos postos de Profilaxia da Sífilis e, no último ano do curso, foi interno do Hospital do Isolamento desta Capital, e presidente do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz.

A tese que defendeu para doutoramento em medicina, versou sobre "Menstruação e Corpo Lúteo", sendo aprovada com distinção. Exerceu a clínica, a princípio na cidade de Ourinhos, onde permaneceu até fins de 1925. Ingressou então no serviço hospitalar do Prof. Rubião Meira, na 2ª - Medicina de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Neste posto foi indicado pelo citado professor, para Assistente Extraordinário da 3ª cadeira de Clínica Médica

da Faculdade de Medicina, indicação renovada anualmente, a última das quais em março de 1936, conforme título de nomeação. Em julho de 1932, foi nomeado adjunto do Hospital São Luís Gonzaga, em Jaçanã, cargo cujo exercício teve logo que interromper, em vista da Revolução Constitucionalista. Durante esta, não pôde prestar serviços médicos nem no Hospital Central da Santa Casa, nem em qualquer outro hospital de sangue, por se ter, desde o início, incorporado às forças em operação no setor sul. De regresso, reassumiu suas atividades clínicas tanto no Hospital Central como no Hospital São Luís Gonzaga. Em maio de 1936, prestou concurso para Livre Docente de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de São Paulo, tendo conquistado o título respectivo. Continuou a auxiliar o curso prático de Clínica (3ª Cadeira), trabalhando na 2ª Enfermaria de Homens da Santa Casa de São Paulo, até outubro de 1938. Então, a convite do Dr. Ribeiro de Almeida, passou a trabalhar na 2ª Enfermaria de Medicina de Mulheres do mesmo Hospital, onde permaneceu até meados de 1944. Em 1943 foi, pela Congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo, revalidado seu título de Livre Docente de Clínica Médica, mediante novo concurso de títulos, como manda a lei. Em novembro de 1945, foi transferido do cargo de adjunto efetivo do Hospital São Luís Gonzaga, para cargo idêntico no Hospital Central. Em maio de 1946, pela Mesa Administrativa da Irmandade, foi promovido a Chefe de Clínica da 2ª Enfermaria de Medicina de Homens. Exerceu a chefia desta Enfermaria até 1953, quando solicitou exoneração do cargo. A Mesa Administrativa, em reconhecimento aos serviços prestados, conferiu-lhe, em maio de 1955, título de Médico Emérito.

José Inácio Lobo casou-se, em 1940, com Maria Rita Nogueira Garcez, sendo seus filhos: 1, Marcelo Garcez Lobo, engenheiro pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica, casado com Lucila da Silveira Figueredo. 2, Guilherme Garcez Lobo, engenheiro M. B. A. (Master Business Administrator), pela University of Delaware, e professor na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. 3, Maria Cláudia Lobo Faro, casada. 4, Maria Ercília Garcez Lobo, casada. 5, Maria Gilda Garcez Lobo. 6, Elizabeth Lobo Brenasi. 7, Heloísa Garcez Lobo. 8, Jorge Garcez Lobo casado com Regina de Albuquerque Lafraia. 9, Flávia Garcez Lobo. 10, Rogério Garcez Lobo.

17 - Inês Álvares Lobo, escritã aposentada do Foro Criminal de São Paulo.

...

2 - Antônio Álvares Lobo, nascido em Itu, a 15 de junho de 1860, musicista compositor, foi bacharel em direito, advogado, orador, conferencista, escritor correito, vereador e prefeito de Campinas, parlamentar, presidente da Câmara dos Deputados de São Paulo. Casou-se com Guilhermina de Freitas Guimarães, filha de João de Freitas Guimarães e Francisca Sanches de Lemos (irmã do Dr. Pedro Sanches de Lemos), sendo a noiva bisneta dos Barões de Rio Verde. Na forma

~~Máximo~~ que adotamos, de transcrever de outros os juízos sobre personalidades de nossa amizade ou parentesco, damos aqui a palavra à imprensa que dedicou noticiário a Antônio Lobo: "Fez os seus primeiros estudos em Itu e Campinas, matriculando-se em 1879 na Faculdade de Direito desta capital. Formou-se a 5 de novembro de 1884, indo advogar em Campinas com Francisco Glicério. Foi o presidente do Clube Republicano ao tempo da proclamação do novo regime, tendo nesse cargo exercido a mais proveitosa atividade. Na campanha abolicionista, em que particularmente tomou parte, o dr. Antônio Lobo desenvolveu uma propaganda tenaz e ousada contra os escravocratas, que eram poderosíssimos, em número e fortuna, e por isso várias vezes esteve exposto às suas iras, perseguições e ameaças, chegando mesmo a receber um ultimato para que se retirasse de Campinas em prazo exíguo sob pena de ser dali expulso à força; o ultimato fracassou em virtude da discussão do caso na Assembléia Provincial de São Paulo, sob provocação do dr. Rangel Pestana, secundado pelo Dr. Rafael Correia da Silva. Depois da libertação dos escravos, a queda do regime dinástico, consequência natural da primeira, encontrou no sócio e companheiro de Glicério, um soldado esforçado e um elemento inteligente e vigilante.

Proclamada a República, constituído o primeiro conselho de intendentes de Campinas em janeiro de 1890, coube ao dr. Antônio Lobo a presidência da Intendência e, como tal, a chefia do executivo. Para enfrentar as epidemias de febre amarela, a segunda e a terceira epidemias que também assolaram Campinas, o chefe do Executivo campineiro, na renovação da Câmara Municipal em 1894, quando se tratava de distribuir as várias funções do governo municipal, foi investido das funções de intendente de higiene e, depois, intendente geral. No exercício deste posto deixou o atestado de sua inteligência e da sua energia, forçando a resitência da população e a guerra surda dos elementos que se aproveitavam do ensejo para promover o desprestígio da autoridade. O dr. Antônio Lobo impôs a observância de rigorosas prescrições de higiene e de administração que então, por seu esforço e pertinácia, haviam sido decretadas, e contrariando interesses em jogo e arrostando, até certo ponto, mesmo, a antipatia popular, conseguiu a prática dessas prescrições e leis, e debelou a epidemia reinante. De então em diante, nunca mais se falou em febre amarela em Campinas, ficando a cidade a dever-lhe um serviço de alcance inestimável. Conquistando grande confiança no seio do Partido Republicano, foi eleito vereador em três triênios, exercendo o cargo de 1892 a 1895, de 1902 a 1905 e, finalmente, presidente da Câmara Municipal de Campinas em 1911.

De 1901 a 1911, foi fiscal do governo da União junto ao Ginásio de Campinas. Em 1902 foi eleito deputado ao Congresso Paulista, fazendo parte da comissão de revisão da Constituição. Foi

membro da comissão de Justiça e depois da de Finanças. Tomou parte eficiente em 1903 na discussão da superprodução do café, criticando o projeto Quintino Bocaiúva e os projetos de licenças, aposentadoria e o da reforma da organização municipal, depois convertidos em lei. Na comissão de Finanças, discutiu os projetos de orçamento, a questão da assistência pública e a criação da Bolsa de Café e Caixa de Liquidação, de cujo projeto, convertido em lei, foi o relator. Em 1915 foi eleito presidente da Câmara dos Deputados, ocupando esse cargo até a presidência do dr. Carlos de Campos. Pouco tempo após a morte do dr. Carlos de Campos, o dr. Antônio Lobo abandonou a atividade política" ~~(127)~~ (127)

"Abandonou a atividade política", foi escrito para não se revelar uma injustiça, fruto de má e desleal politicagem, como disse o cronista Hélios: "Antônio Lobo, descendente de um notável artista, era um artista também. Campinas muito lhe deve da sua cultura. Eram ele e a sua família estimuladores dos nobres torneios do espírito, concorrendo para o levantamento cultural de sua terra. Não se tratava do político frio, unilateral, fechado no ângulo estreito dos interesses eleitorais, tudo sacrificando a eles pelo covarde egoísmo da perpétua reeleição. Ultimamente caíra em desgraça junto dos potentados da política. A megera saturnina devorou friamente esse seu filho, esquecida dos serviços que ele prestara. E o velho batalhador recolhera-se ao círculo íntimo de sua família, rodeado pelo seu carinho, o qual, no dia da sua morte, ia manifestar-se de maneira tão comovente e tão bela. Morre um paulista ilustre. São os expoentes de uma geração brilhante que desaparecem, um a um, numa fúnebre caravana, como para extinguir o brilho de uma era que foi um esplendor..." ~~(128)~~ (128)

"O dr. Antônio Álvares Lobo dedicou-se, durante toda a sua vida, a inúmeros empreendimentos de caráter filantrópico, tendo tomado parte ativa na fundação, manutenção e direção de quase todos os estabelecimentos de caridade existentes em Campinas. Atualmente, ocupava a presidência da Associação Instituto Profissional Bento Quirino, a vice-presidência do Hospício de Dementes do Arraial dos Sousas e a provedoria da Santa Casa de Misericórdia daquela cidade, de cuja mesa administrativa foi membro ativo durante 50 anos, exercendo, ininterruptamente, os cargos de secretário, mordomo e provedor. Ocupou recentemente a presidência da Maternidade de Campinas, tendo prestado durante sua proveitosa gestão grandes benefícios a esse estabelecimento. Era ainda o dr. Antônio Lobo presidente da sub-seção de Campinas e membro do Conselho Estadual da Ordem dos Advogados do Brasil" (129).

Como católico que foi, partícipe de tantas instituições filantrópicas, impõe a justiça uma referência a seus trabalhos como vicentino, durante toda a sua vida; e ele mesmo, em conferência feita em 1916, em benefício da Sociedade São Vicente de Paulo, afirmou quando havia iniciado sua dedicação a esta benemérita sociedade: "foi em 1880, quando eu ainda cursava o 1º ano da Academia de Direito de São Paulo. Entrei então para o grêmio da Conferência que se reunia na Sé, edifício hoje demolido, presidindo-a o finado dr. Indalécio Figueira de Aguiar, varão justo temente a Deus." Sendo Antônio Lobo, católico de integral formação e notável acervo de trabalhos prestados à Igreja, notou o Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, que nunca se havia dado um reconhecimento a este católico exemplar; e, exposta tal estranheza a elementos do clero da Arquidiocese, assentou-se que se deveria representar nesse sentido à Sua Santidade, sugerindo a outorga de um título de conde ao dr. Antônio Lobo. A circunstância, porém, de ser ele um político militante, republicano desde a propagação, fez mudar a natureza do agraciamento, sugerindo-se à Santa Sé outra distinção honorífica. Foi, assim, concedido a Antônio Lobo, o mais alto grau da considerada Ordem de São Silvestre Papa, o de Grã-Cruz.

Teve o advogado Antônio Lobo, no seu próprio filho Pelágio, quem lhe traçasse a figura de retidão e austeridade: "Posso escrever sem constrangimento sobre essa vida de grande e completo advogado porque, se nas lutas políticas em que se envolveu, nelas inspirado sempre por indefectível lealdade aos preceitos republicanos, poderia encontrar desafetos, nada fez ou deixou de fazer na advocacia que não possa ser recordado como exemplo dignificante do esforço, de lucidez e de probidade. Filho de um pobre professor de música, o maestro Elias Lobo, e tendo feito o curso de segundas letras no Seminário Episcopal, ali foi depois professor e, com esses magros proventos, concluiu o curso jurídico." "Formado, veio trabalhar em Campinas, no escritório de Francisco Glicério, e assumiu a direção completa dos seus trabalhos ao tempo em que Glicério entrava, de corpo inteiro, na propaganda republicana."

"Os arquivos forenses guardam no bojo dos autos numerosos trabalhos por ele produzidos durante cinquenta anos de indefesso labor. Para o escritório foram vindo José Lobo, em 1887, e Paulo Lobo em 1900. Em 1911 vim eu, seu filho mais velho; todos nós aprendemos com ele, com seus exemplos, como deveria agir um profissional digno do nome de advogado. Era escrupulosíssimo nas relações e contatos com a clientela e exigentíssimo na pronta resposta a cartas e consultas. Seguiu nisso, aliás, por um pendor natural, os salutares exemplos de Glicério. Tendo servido na administração do Município como Chefe da Intendência, logo após a proclamação da República, e exercendo os postos de intendente municipal, vereador e presidente da Câmara em anos subseqüentes, foi eleito deputado estadual em 1903 e serviu ao seu partido nos postos que lhe foram indicados, ocupando a presidência da Câmara dos Deputados, logo após a presidência de Carlos de Campos, de 1915 a 1927, com a mesma correção com que se desempenhava dos seus árduos deveres de advogado." (134) 131

pag 43



Busto de Antônio Álvares Lobo na praça central de Americana.

pag 71

Campinas deu o seu nome a uma rua da cidade, e a Academia Campinense de Letras o instituiu patrono de sua cadeira nº 40, por proposta do primeiro ocupante Carlos Penteado Stevenson. Na cidade de Americana, onde ele sempre foi glorificado como seu emancipador, as homenagens que lhe prestaram repetiram-se por várias vezes. Americana pertencia primitivamente a Piracicaba, e foi Antônio Lobo quem alcançou seu desmembramento e unificação ao município de Campinas, e a 12 de novembro de 1924, sua autonomia plena de município autónomo, graças aos reclamos de sua população e à ação política deste homem público. Dois anos depois, a 12 de novembro de 1926, Americana prestava homenagem a Antônio Lobo com o programa: "Recepção pela Câmara e povo com duas bandas de música, do Exmo. Snr. Dr. Antônio Lobo e demais convidados, que chegarão pelo trem das 12,40. Sessão solene e especial da Câmara Municipal, às 13 horas. Orador oficial o presidente Dr. Liráucio Gomes. Inauguração do retrato do Exmo. Snr. Dr. Antônio Lobo. Manifestação do povo e das escolas do município ao homenageado, às 16 horas, em a residência do Snr. Prefeito Municipal. Oradores: pelo povo, Feliciano Costa Pinto; pelas escolas, Alcindo Soares Nascimento". Banquete às 19 horas e baile de gala às 21,30 no Teatro Central. Mas Americana não esqueceu o seu emancipador e, assim, quarenta anos depois, a 12 de novembro de 1964, inaugurou o seu busto em praça pública, orando o Prefeito Municipal, João Batista de Oliveira Romão, o Vereador Achilles de Camargo Neves, agradecendo pela família do homenageado, o seu neto, escritor e historiador Gilberto Leite de Barros.

A 17 de abril de 1934, noticiava a imprensa de Campinas:

"A data de hoje é muito significativa para o distinto casal dr. Antônio Álvares Lobo e exma. sra. d. Guilhermina de Freitas Álvares Lobo, que festeja hoje suas bodas de ouro". "Em regozijo ao acontecimento, o distinto casal mandará celebrar missa em ação de graças às 8,30 horas, na capela da Santa Casa, sendo o ato assistido por todos os membros da família e pessoas de suas relações. Às 12 horas haverá um almoço íntimo da família, e à noite uma sessão lítero-musical promovida pelos filhos, noras, genros e netos do casal e por outras pessoas da família".

Pela manhã começavam a chegar a Campinas os telegramas de felicitações pela data festiva. Depois de um grande volume de telegramas, o telegrafista, assoberbado pelo trabalho que se avolumava cada vez mais, teve uma surpresa ao receber um telegrama que transmitia votos de pesar! Tratava já de pedir confirmação para reparo do que entendia ser um engano, quando outro no mesmo teor, e mais outros acusavam uma transformação na solidariedade dos amigos do casal. No dia seguinte, estampavam-se as notícias: "Surpreendeu

dolorosamente a sociedade campineira, a triste nova que circulou ontem, às primeiras horas da manhã, de que havia falecido o sr. dr. Antônio Álvares Lobo, conhecido e ilustre advogado do nosso foro. E mais surpreendeu a triste nova, pelo fato de terem jornais de Campinas e da capital, divulgado, poucos momentos antes, a notícia de que era o dia de ontem de festas para aquele benquisto cidadão e para sua exma. snra. d. Guilhermina de Freitas Álvares Lobo, que iam comemorar suas bodas de ouro, acontecimento de alta significação para a sociedade campineira, que muito admirava o distinto casal, quer pelas suas virtudes morais, quer pela diretriz que soubera traçar à sua numerosa prole, toda ela constituída de elementos representativos do nosso mais culto meio social. E a nossa sociedade se preparava para levar ao estimado casal o testemunho do seu afeto e da sua admiração pelo acontecimento auspicioso que se ia comemorar, teve bruscamente norteado para rumo bem diverso o seu justo movimento de estima, substituindo o sorriso pela lágrima, o júbilo pelo pesar, em face da vontade suprema do Alto, diante da qual todos nós nos curvamos reverentes, cheios de obediência espontânea. O golpe doloroso que ontem alcançou a Exma. Família Álvares Lobo, feriu, também, a alma da sociedade campineira. Não só a família pranteia o desaparecimento do chefe afetuosos e caro! A sociedade em cujo meio Antônio Álvares Lobo viveu desde sua mocidade promissora até sua velhice cheia de belíssimos exemplos de honradez e de civismo, lamenta, igualmente, o desaparecimento desse cidadão, que soube ser amigo dedicado, profissional escrupuloso, devotado amigo de seu Estado natal, e, sobretudo, um legítimo apóstolo do Bem, qualidade por ele revelada no decorrer de tantos anos à frente da direção de um dos nossos modelares estabelecimentos de caridade: - a Santa Casa de Misericórdia!".

"A Escola de Comércio Bento Quirino, de cujo Conselho Consultivo fez parte o dr. Antônio Lobo, suspendeu as suas aulas, em homenagem ao extinto". "O Colégio São Benedito, do qual o extinto foi grande benfeitor, também suspendeu as suas aulas em sinal de pesar". "A Federação Paulista dos Homens de Cor, que recebeu muitos benefícios do dr. Antônio Lobo, consignou no seu livro de atas um voto de profundo pesar pelo seu falecimento". "A Prefeitura Municipal cerrou as suas portas, tendo o sr. Prefeito Municipal determinado que o pavilhão nacional fosse hasteado em funeral". "O sr. Secretário da Educação e Saúde Pública determinou que fossem suspensas hoje as aulas, em sinal de pesar". "O Centro de Cultura Intelectual suspendeu a sua aula de História do Brasil; falou sobre a triste ocorrência o sr. dr. Ernesto Kuhlmann". "A Diretoria da Maternidade de Campinas reuniu-se ontem, à noite, em sessão especial, tendo resolvido que todos os diretores, incorporados, comparecessem aos funerais do dr. Antônio Lobo". "Em nome do corpo redatorial do Correio Popular, estive na residência da família enlu-

tada, a quem apresentou pêsames, o sr. Moacir Chagas, nosso redator-chefe". "Por convocação da Ordem dos Advogados de Campinas, de que era digno e operoso presidente o Dr. Antônio Álvares Lobo, houve ontem uma reunião no edifício do foro campineiro, estando presentes os srs. Juizes, Promotores, escrivães, advogados e provisionados; ficou deliberado prestar excepcionais homenagens ao ilustre extinto, devendo o foro incorporado comparecer aos funerais; foi designado o dr. Ernesto Kuhlmann para, em nome do foro, interpretar os sentimentos de pesar da classe; ficou deliberado também, mandar celebrar na Catedral, missa de 7º dia". "Nos protocolos da audiência de ontem, presidida pelo dr. Vasco Smith de Vasconcelos foi consignado um voto de profundo pesar, por proposta do dr. Aristides Lemos, tendo o dr. Nelson Noronha Gustavo determinado que se asteasse a bandeira em funeral". "Ao ter conhecimento do falecimento do sr. dr. Antônio Lobo, a Diretoria da Associação Comercial mandou encerrar às 15 horas o expediente das várias seções daquela entidade e apresentou pêsames por ofício à Exma. Família enlutada; os Drs. Silvino Godói e Lauro Pimentel, respectivamente presidente e advogado daquela corporação, visitaram a câmara mortuária e aí permaneceram por algum tempo em vigília ao corpo do distinto morto". "O diretório local do Partido Republicano Paulista reuniu-se extraordinariamente ontem, às 20 horas, tendo sido consignado em ata um voto de profundo pesar pelo falecimento do ilustre cidadão; tendo a família do extinto solicitado que não enviassem coroas nem flores, o diretório resolveu doar ao Asilo de Inválidos a quantia de 100\$000 em homenagem à memória do dr. Antônio Lobo; para representar o diretório nos funerais foi nomeada uma comissão composta dos snrs. dr. Clóvis Peixoto, dr. Ralfo Estevam de Siqueira e Fernão Pompeu." "O diretório municipal do Partido Constitucionalista, ao ter notícia do falecimento do sr. dr. Antônio Álvares Lobo, resolveu comparecer aos seus funerais, como homenagem sincera ao propagandista republicano e prova de estima ao benquisto cidadão, cujo nome está ligado a todas instituições de caridade de Campinas e ainda, de reconhecimento aos grandes serviços prestados à cidade como intendente e vereador que foi ele por muitos anos". "A Faculdade de Farmácia e Odontologia, associando-se às manifestações de pesar pela morte do dr. Antônio Lobo, suspendeu suas aulas no dia de hoje". "A Santa Casa de Misericórdia, de cuja mesa administrativa o dr. Antônio Lobo foi membro ativo durante 50 anos, tendo nela exercido ininterruptamente os cargos de secretário, mordomo e provedor, pediu e obteve da família enlutada permissão para realizar os funerais desse seu desvelado irmão. Os funerais realizam-se hoje, às 10 horas, saindo o féretro do prédio 164 da rua Augusto César; por vontade expressa do falecido, a família pede que não sejam enviadas coroas, e que as importâncias para esse fim destinadas, revertam em benefício de uma instituição de caridade" (133).

Seu funeral teve especial registro dos jornais da cidade e da capital, entre os quais noticiou o correspondente da Folha da Manhã: "Realizaram-se hoje, nesta cidade, os funerais do dr. Antônio Lobo, falecido ontem quando comemorava as Bodas de Ouro. O féretro saiu do prédio 164 da rua Augusto César, rumando para a Catedral onde se deu a encomendação pelo rvdo. cônego João Loschi. Pelas ruas da cidade em que passou o féretro, o comércio cerrou as portas em sinal de pesar. Pelas ruas grande era a massa popular que se comprimia, com intuito de prestar sua homenagem ao saudoso extinto. Todas as autoridades civis, militares e eclesiásticas, compareceram aos funerais, representantes dos partidos políticos, classe médica e de advogados, comércio, lavoyra, indústrias, etc."

"Após a encomendação na Catedral seguiu o corpo para o Cemitério, chegando à quadra do Santíssimo Sacramento, de cuja irmandade o extinto fazia parte, às 11,35 horas, precisas. Já ali grande ~~era~~ aglomeração. As órfãs da Santa Casa de Misericórdia e Irmãs de Caridade, prestaram sua homenagem, falando em seguida o dr. Ernesto Kulhmann, em nome do Fórum de Campinas e Sub-Seção dos Advogados do Brasil desta cidade. O orador exaltou o valor do saudoso extinto, quer como crente, quer como patriota, quer como chefe de família, despedindo-se de Antônio Lobo em nome do Fórum e Sub-Seção dos Advogados." "Antes de baixar o corpo à sepultura o comerciante sr. Odorico Fabri, em palavras simples mas sinceras, agradeceu ao dr. Antônio Lobo, os benefícios que dele recebeu em vida. Falou ainda o dr. Antonino Teixeira, advogado na Capital e conterrâneo do dr. Antônio Lobo, em nome do povo de Itu, Corporação Musical Maestro Elias Lobo. As palavras do dr. Antonino Teixeira, calaram fundo na alma dos que o ouviram falar, tendo arrancado lágrimas a brilhante oração. Em seguida baixou o corpo à sepultura". (134).

Sua fé, suas convicções sólidas fundadas na cultura intelectual, militante católico <sup>que</sup> foi desde os anos da juventude, melhor ~~confirmando~~ estes aspectos de sua personalidade. a transcrição de palavras do evangélico Nelson Omega, na conferência que fez no Centro de Ciências, Letras e Artes, quando esta instituição homenageou o seu antigo presidente: "Crente foi e franco, e de público, íntegro, batalhador dos interesses espirituais. Crente, foi esmoler e professou com zelos e carinhos os altos encargos da caridade; parece que desejou ser em Campinas um Cirineu pronto a pôr ~~no~~ <sup>no</sup> seu ombro a quanta cruz se carregasse a seu lado. De crente foi a sua caridade que, misturada no espírito evangélico de ignorar a mão esquerda o que faz a direita, não se reduz a cifras como relato inexpressivo de uma página do conta-corrente, mas se simboliza nos quarenta ~~anos~~ <sup>anos</sup> de mordomia desse tanque de Siloé que é a nossa Santa Casa, onde com mãos de samaritano e com milagres proféticos, nunca permitiu faltasse ao pobre o azeite da almotolia ou a farinha na escudela. Crente, foi estudioso das coisas espirituais, clarividente

nas convicções, como atestam, à sociedade, os seus discursos e conferências." (135).

Dois anos depois, a Maternidade prestava homenagem a seu antigo presidente. Coube ao seu intérprete, Engº Carlos William Stevenson, dizer: "Quanto a Antônio Lobo, era ele um desses homens que, onde quer que os leve a sua infatigável atividade, nunca deixam de marcar a sua passagem com o rastro inconfundível da sua masculina personalidade. Assim, foi infatigável trabalhador, advogado notável, parlamentar brilhante, orador fluente, político hábil, enérgico na luta e conciliador nos acordos, sabendo corresponder à larga confiança que lhe era tributada e assim alcançando altas investidas em postos de representação no município e no Estado. Dotado de uma inteligência lúcida, disciplinada e culta, na larga esfera em que se desenvolveu a sua prolongada vida pública, Antônio Lobo, desde bem cedo, conseguiu impor-se ao respeito, à consideração e à estima dos seus concidadãos" (135).

Em 1960, por sugestão da provedoria da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa -, esta Irmandade, a Academia Campinense de Letras, o Centro de Ciências, Letras e Artes, a Associação Campineira de Imprensa, a Maternidade de Campinas, promoveram homenagens à memória de Antônio Lobo, no dia 15 de junho, comemorativas do seu centenário natalício. Estas comemorações se iniciaram na véspera, em sessão do Centro de Ciências, quando o Acadêmico Carlos Penteado Stevenson discorreu sobre a personalidade de Antônio Lobo, patrono de sua cadeira nº 40 na Academia Campinense de Letras; Celso Maria de Melo Pupo, provedor da Santa Casa falou sobre a atuação que teve nesta instituição, e o Dr. Azael Lobo em agradecimento pela família. As homenagens do dia 15 se iniciaram com missa rezada na Capela de Nossa Senhora da Boa Morte da Santa Casa, por Sua Excia. o Arcebispo Metropolitano, Dom Paulo de Tarso Campos, para ter seu fecho com sessão na Associação Campineira de Imprensa onde se colocou o retrato do ilustre cidadão, falando o escritor-jornalista Vitor Caruso, e agradecendo pela família a sua neta Ana Maria Lobo.

Neste mesmo dia os três jornais da cidade dedicaram páginas a Antônio Lobo, com as colunas redatoriais, e colaborações de amigos e familiares: No Correio Popular - Altino Arantes, "Sempre Emprestou ao Governo o Prestígio de sua Honradez e do seu Patriotismo"; Monsenhor Luís Fernandes de Abreu, "Dr. Antônio Lobo, - Católico Cheio de Fé e Exuberante de Caridade"; deputado Marrey Júnior, "O Dr. Antônio Lobo e a Oposição"; seu neto Gilberto Leite de Barros, "A Imagem de meu Avô"; seu genito Artur Leite de Barros, "Evocação à Figura de Antônio Álvares Lobo". No Diário do Povo - Mário Erbolato, "Antônio Álvares Lobo"; Engº Carlos Francisco de Paula, "Cidadão Magnífico"; sua filha Elisa Lobo de Moraes, "Antônio Lobo - Como Era Ele"; Celso Maria de Melo Pupo, "A Origem Brasilei-

77

ra do Apelido Lobo". No Jornal de Campinas - Paranhos de Siqueira, "Varão de Plutarco"; Célia Siqueira Farjallat, "Traços Marcantes da Personalidade de Escol do Saudoso Homem Público". E ainda no dia 18 a imprensa publicava palavras de Vitor Caruso e de Ana Maria Lobo, pronunciadas na Associação Campineira de Imprensa, e as do Prof. Welman Galvão de França Rangel, "Antônio Álvares Lobo e a Educação". Na Assembleia Legislativa do Estado, vários parlamentares discursaram fazendo o elogio de Antônio Lobo, tendo a imprensa de Campinas reproduzido o discurso, nesta ocasião feito, do deputado Rui de Almeida Barbosa (137). O casal Guilhermina-Antônio Álvares Lobo, deixou os seguintes filhos:

21 - Pelágio Álvares Lobo, crítico musical de grande talento, foi batizado a 23/ na Catedral de Campinas onde nasceu a 1/2/1888, "realizando aqui os estudos das primeiras letras. Formando-se pelo Ginásio do Estado Culto à Ciência, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, onde obteve o seu diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Uma vez no foro, desempenhou suas atividades em Campinas, em companhia de seu pai e de seu tio Paulo Lobo, Santos e São Paulo, tendo sido redator-chefe da Cidade de Campinas, no período de 1910-1914. Era membro da Ordem dos Advogados, pela Seção de São Paulo, suplente de deputado federal pelo Partido Social Democrático e membro da Sociedade dos Escritores Paulistas. Foi diretor de "O Estado de São Paulo," colaborador de vários jornais do Rio, do Correio Paulistano e desta folha, tendo publicado vários trabalhos de natureza jurídica e literária. Atualmente desempenhava as funções de Diretor do Departamento Jurídico da Companhia Mojiana de Estradas de Ferro" (138)

Sobre Pelágio Lobo, escreveu Benedito da Costa Neto: "Pelágio Lobo tinha o maravilhoso condão de tornar agradável qualquer assunto onde assentava sua palavra. Na palestra, no articulado, nas razões, no artigo de jornal, no brinde, no discurso, no parecer, nas escrituras, e até nos próprios livros de atas, o pranteado jurista bandeirante conseguia imprimir uma dose sutil da sua verve toda pessoal que, desde logo, se revelava como um selo identificador" "A sua linguagem foi sempre impecável; e dentre os escritores brasileiros que tenho lido, era Pelágio Lobo um dos que costumava reler com encanto cada vez mais crescente, pois este meu querido amigo tinha descoberto um meio de respeitar todos os cânones da gramática, sem sacrificar a livre e correntia enunciação do pensamento". (139)

Enéas César Ferreira dele recordou: "Pelágio matriculava-se em março de 1906, na Faculdade de Direito de São Paulo pela qual se bacharelou em 1910". "Nesta renomada casa de ensino, Pelágio fez um curso invejável, com aprovação distinta em todas as cadeiras do primeiro ao quinto ano! Foi, pois, o primus inter pares da turma e laureado com o Prêmio Viagem à Europa, regalia estabelecida pelo Governo Federal a tais estudantes". "Vigoroso jornalista, foi redator da Cidade de Campinas, onde com Alberto Faria e seu ta-

lento tio Paulo Álvares Lobo - a trindade soube elevar esse jornal à posição de brilhante destaque. Advogado militante, durante toda a sua existência, foi caudatário de raras qualidades; tudo que produzia, em linguagem escura e fundo jurídico perfeito, constituía trabalho digno de grande, notável e perfeito cultor da ciência de Papiniano. Jornalista sempre foi, e, defêlego: - no velho "Correio Paulistano" e no "Estado de São Paulo", durante o tempo que este órgão da imprensa brasileira, esteve sob a intervenção de Abner Mourão, Castro Ramos e Pelágio". "Em 1934, candidato a uma cadeira de deputado federal, não conseguiu quorum para a eleição; o Brasil perdeu um representante culto, talentoso, digno e trabalhador. Diretor da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção de São Paulo, por vários anos, aí deixou o cunho de seu grande talento e espírito de justiça. Espírito vibrátil, inteligência privilegiada, grande cultura humanística e jurídica, entretanto Pelágio não fez a carreira a que tinha direito por suas qualidades excepcionais: faleceu em São Paulo em 1951" (1950)

Tivemos ocasião de escrever sobre Pelágio: "Espirituoso, profundo observador, de apurada vivacidade, narrador gracioso escrevendo numa encantadora simplicidade e riquíssimo vocabulário com rigor descritivo e limpidez de linguagem culta, era Pelágio Lobo um um dos mais completos escritores de nossa terra; deixou bela produção literária que dispersou pelas colunas da imprensa, distribuindo-a generosamente, sem ambições e sem restringi-la, espelhando, no seu intelecto, o grande e generoso coração que possuía, e a largueza espontânea de sua caridade. Seu espírito intranquilo, sua lúcida inteligência, logo o levaram à primazia nos meios cultos, nos grupos sociais, nos quais a sua atividade foi intensa e de notável sabor cultural, tendo, em sua mocidade, já bacharel em direito e na cidade de Campinas, com Cleso de Castro Mendes e outros, sido um dos principais esteios incentivadores dos "Monóculos e Lunetas", grupo de arte que muito concorreu para os lazeres da mocidade intelectual de Campinas?"

Seu tio também monóculo, mas honorário, apresentando, certa vez, o grupo, esclareceu: "o sucesso de se haverem reunido estes moços para, em comum, dar repouso à matéria e pasto ao espírito, foi obra de um divertido acaso, em que discutiram habilidades, pondo-as de pronto à prova, em certo passeio campestre à margem sinuosa do pardacento Atibaia... Aí a controvérsia armou para os torneios da inteligência, em que cada um exibiu os seus dotes - a voz para o canto, o pincel para a tela, o arco para o violino, a pena para as produções do engenho vário e, unidos um dia, vieram para a grande sala da sociedade, oferecer às famílias um sarau de arte. E ofereceram-no, tendo-se admitido - ao encerrar-se a serata - que aquilo fora, mesmo, uma reunião de arte sincera. Para apresentação de credenciais, desta feita, cognominaram-se Monóculos, trajando de

rigor e desposando um apelativo à guisa dos árcades, por que no grupo as capacidades se impersonalizassem, e fosse mais praticável a concórdia que pode significar a coexistência de corações."

"As Lunetas vieram depois, atraídas por esses festivais de seus irmãos: reuniram-se, compuseram o conjunto de suas graças e de seus donairosos conhecimentos e, aliadas aos Monóculos, firmaram os estímulos e dignificaram superiormente os empenhos. Surgiram, então, Fantomas, Schaunard, Kioto, Friquet, Pop, Pierrot, Bizet, Mischa, Tontolini e, a estes, uma falange de tantos outros moços, bachareis, médicos, fazendeiros, comerciantes, artistas, estudantes - irmanados para um só objetivo: dar férias periódicas à matéria sórdida em proveito da suprema espiritualidade, risonha e sadia, onde se façam treinos para a função, não animal, mas subjetiva e objetivamente" (141)

De apreciadíssimos artigos de Pelágio Lobo, na imprensa diária, foram reunidos em volumes, sob o título de "Recordação das Arcadas", os que trataram da Academia de Direito, edição de 1953 do Departamento de Cultura e Ação Social da Reitoria da Universidade de São Paulo, então ocupada pelo embaixador Ernesto de Moraes Lima; e sob o título de "Velhas Figuras de São Paulo", edição de 1977, nº 5 da Biblioteca da Academia Paulista de Letras, presidida pelo acadêmico José Pedro Leite Cordeiro, duas dezenas daqueles de âmbito da história estadual. O primeiro dos livros prefaciado por Antônio Gontijo de Carvalho, e o segundo pelo acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho. Da Prefeitura de Campinas, teve Pelágio a homenagem da colocação de seu nome em rua da cidade, e da Academia Campinense de Letras, a sua instituição como patrono da cadeira nº 20.

Casou-se em Santos, a 15 de fevereiro de 1922, com sua prima Arinda de Freitas Guimarães, deixando as filhas, todas de ativa vida intelectual: 1, <sup>Maria</sup> Marta de Freitas Lobo, viúva de Francisco Ferraro, sem geração. 2, Ana Maria de Freitas Lobo, solteira. 3, Maria Ângela de Freitas Lobo, casada com seu primo José Antônio de Freitas Levi, médico, com geração.

22 - Elisa Álvares Lobo, pianista, professora pela Escola Normal de Campinas, nasceu nesta cidade e faleceu em São Paulo a 6/9/1969; foi casada com o Desembargador Antão de Sousa Moraes, nascido em Campinas em 1887, e falecido em São Paulo em 1974; era bacharel em direito pela Faculdade de São Paulo, advogado e promotor público em Campinas, procurador da Junta Comercial de São Paulo e desembargador nomeado para o Tribunal de Justiça de São Paulo a 11/5/1935; autor de obras jurídicas e literárias, foi membro honorário da Academia Campinense de Letras. Deixou os filhos: 1, Saulo Lobo de Moraes, bacharel em Direito, casado com Lúcia Pereira Guimarães, ambos falecidos deixando geração. 2, Marcelo Lobo de Moraes, falecido, que foi casado com Marina Conceição. 3, Lia Lobo de Moraes, casada com Carlos Tavares. 4, Laércio Lobo de Moraes, médico, casado com Giovanna

80

Vellutini, com geração. 5, Décio Lobo de Moraes, casado com Celita *de Moraes*, com geração.

23 - Ruth Álvares Lobo, falecida solteira a 23/12/1969.

24 - Azael Álvares Lobo, nascido em Campinas em 1893, e batizado na atual Basílica do Carmo pelo então vigário, depois Bispo de Campinas, Dom João Batista Correia Néri, formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, na qual defendeu tese em 1918, "Sobre Estudos de Carrel", aprovada com distinção. Do autor dos estudos objetos de sua tese, o grande homem da ciência, prêmio Nobel, então com atividades no Instituto Rockefeller, recebeu <sup>por Azael Lobo</sup> a seguinte carta:

"Caro Dr. Lobo. Estou muito satisfeito e comovido por ter em mãos o exemplar de seu livro Sobre os Trabalhos de Carrel, e por saber que se deu ao trabalho de escrever um apanhado geral dos meus trabalhos. Isto nunca tinha sido feito antes, e estou deveras interessado em lê-lo. Quando vier a Nova York, espero ter o prazer de mostrar-lhe nossos novos laboratórios. Com estima e consideração, melhores augúrios, creia-me sinceramente vosso". (a) A. Carrel (149).

Já com clínica formada em Campinas, e com renome de profissional de alta competência, fez Azael Lobo, na Europa, cursos de especialização em 1927: em Berlim; em Paris com o Prof. J. L. Faure, "Le Cours Superieur de Perfectionnement de Gynecologie", na Clínica Ginecológica do Hospital Broca da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris. Obteve o certificado do "Cours d'Uretroscopie e Cours de Cytoscopie", com o Prof. M. F. Legueu, na Clínica Urológica da mesma Faculdade. A Associação Paulista de Medicina concedeu-lhe o título de "Especialista em Ginecologia e Obstetrícia" em 1954.

Azael Lobo era também musicista compositor, e foi ele quem compôs o hino oficial do Instituto de Educação Carlos Gomes de Campinas, e mais o que pudemos encontrar em seu arquivo religiosamente conservado por sua esposa: "Elevação", com letra de Emília de Freitas Guimarães, cantada pela soprano Almerinda de Freitas Borges, em concerto de 23/10/1946 promovido pelo Departamento Cultural da Reitoria da Universidade de São Paulo. "Rosa Vermelha". "Nocturno" para violoncelo com acompanhamento de piano, executado em público pela primeira vez, na festa dos Monóculos a 3/2/1916, no Clube Campineiro. "Andorinhas de Campinas" com versos de José Dias Leme. "Tem Juízo, Coração" com letra de Emília de Freitas Guimarães. "Lá Pelo Japão", canção, letra de José de Freitas Guimarães Júnior. "Hino do Colégio". "Moleiras", letra de José de Freitas Guimarães Júnior. "Segunda Feira no Bonfim". "Romanza" por Kioto (148). Chant d'Adieu por Kioto. "Sayonara", valsa por Kioto. "Sodade Vêia" com letra de Helena Magalhães Castro. "Hino dos Monóculos e Lunetas".

144 97

"Saudações a Pop" por Tontolini-Kioto (144). "Saudação a Mallet (145)  
~~(144)~~. "Despedidas de Kioto". ~~J. J. J.~~

Azael Lobo foi médico da Beneficência Portuguesa, médico e diretor do Hospital Vera Cruz, médico, mesário e mordomo da Irmandade de Misericórdia - Santa Casa- e faleceu a 16/3/1964, tendo a imprensa noticiado: "Com o seu desaparecimento, perde Campinas e os campineiros, não apenas o médico prestimoso e sempre pronto a socorrer com sua capacidade e com seus elevados conhecimentos profissionais a este ou àquele enfermo, sem distinção de nenhuma espécie, que lhe solicitassem os serviços, mas talvez o campineiro que mais amava e que maior entusiasmo nutria por sua terra, tendo a ela prestado, em toda a sua vida, serviços inestimáveis, por todos reconhecidos. A cidade e todos quantos aqui residem, convivendo com ele, no trabalho, na sociedade, em todas as manifestações e atividades, aprenderam a ver no dr. Azael um idealista e acima de tudo um devotado à evolução, ao progresso de Campinas."

"Médico da geração de Tomás Alves, Hermas Braga, Barbosa de Barros e outros ilustres nomes da medicina campineira, o dr. Azael Lobo, bacharel pelo Ginásio do Estado, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde defendeu tese brilhante de doutoramento, apresentando um estudo sobre a obra de Alexis Carrel. Posteriormente, realizou cursos especializados na Europa, tendo frequentado, por alguns meses, renomados hospitais da França e da Alemanha. Retornando à sua cidade natal, ocupou em 1928 o cargo de presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas. Em 1938 foi escolhido presidente da Maternidade de Campinas até 1945, e, em 1951, foi eleito seu Diretor Clínico, cargo que ocupou até a data de seu falecimento. Juntamente com Hermas Braga, Barbosa de Barros e Rocha Brito, pertenceu ao corpo médico e cirúrgico da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência, na qual foi também seu Diretor Clínico. O dr. Azael Lobo que durante sua vida de cirurgião atendeu a todos quantos bateram à sua porta, foi fundador do Hospital Vera Cruz, tendo sido também chefe do Serviço de Cirurgia de Mulheres da Santa Casa, médico chefe do Serviço Público da Caixa da Mojiana, onde sucedeu ao dr. Tomás Alves."

"O dr. Azael Lobo, sem nunca haver sido político militante atuante, tinha como uma das fundamentais preocupações de sua vida o bem estar da população de sua cidade, destacando-se em inúmeras campanhas levadas a efeito objetivando a solução dos problemas campineiros, nos diferentes setores do bem estar social. Participou e atuou decididamente na elaboração do Plano Diretor da Cidade, foi membro da Comissão de arte da Prefeitura Municipal, Presidente da Comissão Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes, fundador e 1º vice-Presidente da Comissão de Trânsito e Fundação Campineira de Vigilância Pública. Tão grande era o seu devotado amor à cidade de Campinas, que por vários anos, até o momen-

to de seu falecimento, ocupou o cargo de Presidente da Sociedade dos Amigos da Cidade, entidade por ele fundada. Ao lado de várias outras comissões, foi também sócio fundador do Tênis Clube Campineiro, Rotary Clube de Campinas onde ocupou sucessivamente a partir de 1934, os cargos de 1º vice-Presidente, Chefe do Protocolo, Vogal, 2º vice-Presidente, Diretor do Protocolo, e Presidente Fundador do Rotary Clube de Limeira em 1936. Atual Diretor do Conselho do Instituto Profissional Bento Quirino."

"Jornalista atuante, das inúmeras campanhas que defendeu com brilhantismo através de seus artigos, temos a que permitiu em 1932 a abertura da Av. Anchieta, uma das principais artérias da cidade e que, não fora a visão do dr. Azael Lobo, teria apenas 8 metros de largura, ao contrário das duas vias e passeio central que atualmente possui. Em 1938 assumiu o cargo de Secretário da Diretoria do Correio Popular, de onde foi acionista. Em 1960 quando da renovação desta folha, foi convidado a ocupar o cargo de Diretor Presidente do Diário do Povo, posto que ocupava até sua morte. Dotado de grande vocação musical, o dr. Azael Lobo, foi pianista e compositor, deixando escritas excelentes composições, dentre elas o hino oficial do Instituto de Educação Carlos Gomes. Recentemente suas composições foram interpretadas pela artista Layla Cury, na Televisão. Por outro lado o dr. Azael, há longos anos vinha colecionando documentos referentes à história de Campinas, contemporâneos e passados, possuindo em sua residência um dos maiores arquivos dos acontecimentos de destaque da vida campineira." "A Câmara Municipal, num preito de reconhecimento ao extinto facultativo, dr. Azael Lobo, suspendeu seus trabalhos da sessão ordinária de ontem, através de requerimento do verador Feres Salim. Além deste requerimento, por proposição do presidente da edilidade, sr. Romeu Santini, foi aprovado na mesma oportunidade, outro requerimento, subscrito por todos os edis presentes." "Após a observância do minuto de silêncio e a suspensão dos trabalhos legislativos da Câmara Municipal, o presidente da edilidade, vereador Romeu Santini, designou os edis Eder Leme, Fernando Paolieri, Carlos Mossry, José Teófilo Albejante e Armando José Bertazoli para que, em comissão, transmitam à família do extinto as condolências de todo o povo campineiro."

"Os deputados campineiros, Francisco Amaral, Rui de Almeida Barbosa e Jamil Gadia, apresentaram na sessão plenária de ontem da Assembléia Legislativa do Estado, mensagem de pesar pela morte do dr. Azael Álvares Lobo." "Devido ao falecimento do rotariano Dr. Azael Álvares Lobo, sócio-fundador e ex-presidente do Rotary Clube de Campinas, foi cancelada a visita do sr. José Breno Guimarães, Governador do Rotary, programada para hoje. Portanto, não haverá o costumeiro jantar para a noite de hoje. No mesmo local, os rotarianos se reunirão para uma derradeira homenagem ao seu ex-com-

panheiro, devendo fazer o necrológico o presidente Jasper Bresler." "Em virtude do falecimento do dr. Azael Álvares Lobo, <sup>(146)</sup> ocorrido ontem nesta cidade, o prefeito municipal decretou luto oficial por três dias com hasteamento da bandeira a meio pau" ~~(146)~~. Seu nome foi dado a uma das ruas de sua cidade natal.

Casou-se em Piracicaba com Maura Gois de Vasconcelos, de quem deixou os filhos: 1, Azael Álvares Lobo Filho, diretor do jornal Diário do Povo, desta cidade, casado com Desirée Amalfi Walter; com geração. 2, Eglantina Álvares Lobo, casada com Antônio Carlos Gozzi, com filhos: ~~Luiz Carlos Lobo Filho, casado com Tereza...~~

25 - Sara Álvares Lobo, nascida em Campinas em 1895 e falecida na mesma cidade em 1975, casou-se na Capela de Nossa Senhora da Boa Morte - Santa Casa - em 1918, com Humberto Netto, <sup>Dezembro Neto do Parão de Parima</sup> fazendeiro de café, de quem teve os filhos: 1, Eduardo Lobo Netto, casado com Laura Uchoa, advogado, com descendentes faleceu a 22/3/1981. 2, Raquel Lobo Netto, casada com o Prof. Martin Francisco de Andrada e Silva, com geração. 3, Sara Lobo Netto, casada com Ademar Branco, com descendentes. 4, Paulo Antônio Lobo Netto, da Secretaria da Fazenda do Estado, casado com sua prima Odila Guimarães Lobo, com descendentes.

26 - Ana Esméria Álvares Lobo, pianista, casada em Campinas com Artur Leite de Barros Júnior, bacharel em direito, advogado, Secretário de Estado da Segurança Pública no Governo de Armando de Sales Oliveira, com os filhos: 1, Gilberto Leite de Barros, bacharel em direito, historiador, autor da valiosa obra histórico-social "A Cidade e o Planalto", membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, casado, com geração. 2, Maria Teresa Leite de Barros, casada, com descendentes, já falecida.

27 - Guilhermina de Freitas Lobo (Menininha Lobo), professora, fez seus estudos de piano com Alfredo Oswald, Maria Edul Tapajós e Madalena Tagliaferro de quem foi assistente de curso superior de interpretação durante dez anos. Aperfeiçoou seus estudos na Alemanha, na Escola de Artur Schnabel. Tocou com orquestra em Campinas e São Paulo sob a regência de Leon Kaniefsky e Sousa Lima. Realizou recitais no Rio, São Paulo e várias cidades do interior, além de Buenos Aires, Montevideú. Ilustrou, com música de Fauré, as conferências de Marguerite Long, em São Paulo e no Rio. Fez, também, no Rio, programa "Ondas Musicais" com rede de televisão, e ~~acompanhante~~ gravou um programa de video tape (TV-2) de sonatas para violino e piano com o violinista Roberto Twiachörn; gravou nos Estados Unidos discos que foram distribuídos também no Brasil. Possui diploma de alta interpretação do Ministério de Educação e Cultura, concedido pelo então ministro Clemente Mariani e Madalena Tagliaferro. Lecionou na Academia Mozarteum de Pinheiros, em São Paulo.

Em Nova Iorque, em 1980, disse William Daghlian: "Menininha Lobo possui uma técnica límpida e flexível fazendo com que a música pareça brotar de seus dedos. Sua so-

noridade é cristalina, seu legato perfeito e seu pedal sutil. Toca de maneira orquestral, com diversos níveis de sonoridade, pondo em relevo a melodia, as vozes internas com timbres diferentes e a linha do baixo. A música soa como improvisada a sua percepção do movimento harmônico. Seu ritmo impecável mantém sempre a fluência do discurso musical. É uma pianista romântica sem os maneirismos da escola romântica. Seu fraseado é natural. Suas organizadas interpretações são narrativas, espontâneas e pessoais, de uma simplicidade desarmante, sendo ao mesmo tempo intensas e cheias de sentimento, sem sentimentalismo. Seu repertório inclui obras de Bach, Mozart, Beethoven, Schumann, Chopin, Brahms, Franck, Fauré, Debussy e Poulenc". "Menininha Lobo fisicamente faz lembrar Edith Piaf, emocionalmente, Emily Dickson, e não é apenas uma figura lendária, uma relíquia preciosa do passado; é uma musicista para "connaisseurs", uma das glórias do pianismo brasileiro".

Faleceu Minininha Lobo a 14 de junho de 1986. Disse dela, pelo "Diário do Povo" de 3 de julho, ~~o~~ crítico musical Prof. José Alexandre dos Santos Ribeiro: "Contudo, entre 1980 e 1983, Minininha Lobo, atendendo a insistentes convites do Estúdio Eldorado, dispôs-se a gravar em Nova Iorque, servindo-se da bela acústica da Igreja "Holy Trinity" daquela cidade, e de um perfeito piano "Steinway"; um bom punhado de peças pianísticas de maior importância, que preencheu cinco discos, quatro dos quais o Estúdio Eldorado já lançou no Brasil.

Nesses discos se pode ouvir interpretações cristalinas de compositores como Bach, Mozart, Beethoven, Schumann, Chopin, César Franck, Richard Strauss, Fauré, Debussy e Poulenc. Tais discos são um precioso documento cultural e artístico, que revela às novas gerações uma pianista consumada, que possui técnica versátil e cheia de nobreza, a serviço de concepções interpretativas sem afetação excessiva, mas com incrível limpidez e clarividência, transmitida através de uma articulação irrepreensível.

Com a morte de Minininha Lobo, não morre apenas uma das grandes pianistas do Brasil, mas interrompe-se também um dos grandes orgulhos musicais de Campinas, cristalizado numa vida inteiramente dedicada à Música, no que ela tem de mais grandioso e inefável".

3 - Ana Esméria Lobo, professora de piano (147) cantora nas solenidades religiosas e salões da sociedade (148), nasceu em 1862 em Itu onde foi batizada; casou-se com Nicolau Schmidt; faleceu sem geração. Disse a "Província de São Paulo" - "é soprano de pequeno volume mas

85 ~~149~~  
de timbre agradabilíssimo e notáveis recursos de vocalização" (149),  
e, como já dissemos, afirmou a Prof<sup>a</sup>. Josefina Sarmiento; a voz de  
Ana Esméria, "amolda-se principalmente a composições melancólicas.  
Então a voz desprende-se-lhe da gargante, suave, terna, dolorosa;  
é um queixume, uma prece soluçada que faz cismar, inundado-nos a  
alma de doce tristeza indizível" (150) (150)

4 - José Manuel Lobo (III), <sup>...marcado em Itú</sup> bacharel em direito, jornalista, delega-  
do de polícia e advogado em Campinas, deputado federal e Secretário  
de Estado do Interior e Educação no governo de Carlôs de Campos, ca-  
sou-se em Campinas, em oratório da residência dos pais da noiva, a  
2/2/1889, com Alice Augusta do Nascimento, filha de Augusto César  
do Nascimento e Adelaide Roso; sobrinha paterna do Conde Asdrubal  
do Nascimento. Dos pendores de José Lobo para a música, se não os  
cultivou, não quer dizer que não os tivesse, pois, seu sobrinho Pe-  
lágio Lobo, numa das suas deliciosas crônicas, conta que o tio tra-  
vava competição de música com o músico erudito que era José de Cam-  
pos Novais; nestas competições, revelava-se "José Lobo que, fazendo  
flauta com as mãos e conseguindo modulações de uma doçura incompa-  
rável, muitas vezes sobrepujava as escalas da flauta de ébano de  
Novais" (155) (151) Antes de falecer e depois do seu falecimento em São  
Paulo a 24/8/1930, várias foram as notícias destacando as altas qua-  
lidades que possuía; vejamos o que dele disse João Arruda: "Ao lem-  
brar a seus leitores quem é o dr. José Lobo, e quais os serviços  
que prestou à nossa pátria, citou, por diversas vezes, o Correio  
Paulistano, o meu nome, ao intento de sufragar, com o meu testemu-  
nho, o alto valor do ilustre titular da pasta do Interior, no atual  
governo. Realmente, há uns vinte e poucos anos, tracei, em rápido  
esborço, o perfil desse meu distinto amigo. Do que eu disse, alguns  
poucos conceitos foram reproduzidos pelo Correio, e continuo a pen-  
sar do mesmo modo. Peço, agora, permissão para notar que o Correio  
deixou em olvido duas peregrinas qualidades do dr. José Lobo: amor  
ao trabalho e bondade de coração. Educado na escola do saudosíssimo  
Glicério, o infatigável lutador, acendrou-se no discípulo o espíri-  
to de ordem, de cumprimento estrito do dever, a regularidade no exer-  
cício da profissão, a indefessa dedicação aos interesses do cliente,  
e, quando político, o ser dos mais prestadios. Foi graças à sua pug-  
nacidade e à sua diligência que pôde, ao lado do dr. Herculano de  
Freitas, conseguir a vulgarização das novas doutrinas penais, tão  
fecundas em resultados, em nossa pátria."

"Pelo seu bom coração, constituiu-se o batalhador em  
defesa dos mais fracos, quando, sem desfalecimento, na comissão de  
legislação social, seguiu o movimento que, nestes últimos anos, se  
acentuou neste ramo do nosso sistema jurídico, sendo testemunho de

quanto fez o que se acha nos Documentos Parlamentares, nos grossos volumes já publicados. Tive sempre presente seus apreciáveis dotes, e foi por isso que, atendendo eu à facilidade com que orava na tribuna judiciária, ao seu vasto e profundo estudo, mesmo fora do Direito Comercial e do Penal a que, pelas circunstâncias, mais se dedicara, seu espírito atento a todas as idéias nobres e generosas, que lembrei eu, desejoso de fazer uma boa aquisição para o corpo docente de nossa Faculdade de Direito, ao dr. Herculano de Freitas, pouco depois de entrar em vigor a reforma Rivadávia, fosse indicado o nome do ilustre paulista para provimento das seções da Academia. Infelizmente, observou o meu colega na Faculdade, impossível era, então, ao dr. José Lobo sair do Rio, em vista de seu melindroso estado de saúde. Uma nota final, que será o traço com que cerrarei a face por que o considero nestas rápidas notas: Quando, há uns três anos, eu lhe agradecia o interesse que tomara acerca de um pedido do professor Jitta, o maior internacionalista vivo, o qual desejava certos dados sobre a legislação social em nossa pátria, único dos países americanos de que não havia conseguido informações, caiu logo a conversa sobre este ponto, mais sociológico que jurídico, de reforma da organização do trabalho. Expandi-me, dissertando sobre o que me parecia digno de ser compreendido no momento, com essa abundância de palavras de quem encontra velho companheiro. Deixou-me falar, acompanhando com atenção esse meu amplo socialismo de cátedra, que muito pouco tinha já do primitivo, do clássico. Quando tomei fôlego, disse-me ele, com um tom brando, com doçura dos evangelizadores, estar pelo ensino de Leão XIII e pelo que Nitti e outros católicos pregavam como sendo o pensamento de Cristo em toda a sua pureza."

"Eis o aspecto de benignidade daquele que outrora eu admirava e louvava, sem regatear gabos, por ser ele o trabalhador, propugnador do que então havia de mais moderno. Hoje, excele pela sua fé na evolução por que passa a humanidade, após a conflagração que convulsionou a sociedade, mas que deixou firmes os crentes na doutrina do Evangelho, e convencidos de que é ela que representa o progresso." "Aí está o que eu queria aditar ao que escrevi no perfil do meu grande amigo: homem do trabalho, homem de coração... Por uma dessas misteriosas coincidências em que é rica a vida dos povos, o astro que vi despontar no horizonte da pátria, há trinta e poucos anos, que subiu, rútilo, no firmamento, espargindo luz, culmina precisamente no dia em que se celebra a festa do trabalho" (a) João Arruda (152)

xRazões x das x ações x das x empresas x das x instituições x das x legislações x  
 tando x as x idéias x das x câmaras x das x deputadas x federais x das x  
 das x das x ideias x das x empresas x das x instituições x das x legislações x  
 fundo x pesary x vultu x trazex x as x condições x das x casas x das x notícias x das x  
 elementos x das x ações x das x empresas x das x instituições x das x legislações x

Sobre José Lobo registro<sup>y</sup> Dunshee de Abranches: "Formou-se em direito pela Faculdade de São Paulo em 1886 e, depois do seu brilhante curso, foi advogar em Campinas, onde exerceu o cargo de juiz de paz e casamentos. Eleito deputado federal à 5<sup>a</sup> legislatura (1903 a 1905), tem sido sucessivamente reeleito até à presente (1915 a 1917). Na Câmara Federal, tem feito parte de diversas comissões. É um espírito culto e finamente satírico; e, como advogado, se tem recomendado pela meticulosidade com que estuda as causas, e pela clareza de suas razões. Os seus pareceres nas comissões da Câmara distinguem-se por esses mesmos atributos, constituindo alguns interessantes teses de direito"(153).

José Lobo, manda a justiça que se relembre sua ação na presidência da Comissão de Legislação Social, era a maior autoridade nesta especialização dentro da comissão que presidia. Mas a bancada parlamentar paulista da Câmara Federal, tinha a orientar-lhe os trabalhos, uma perfeita união de esforços dos seus componentes, o que fez com que a lei de aposentadoria dos ferroviários se devesse a um trabalho conjunto, com maior contribuição do presidente da Comissão, o que lembra João Arruda. Tal lei, entretanto, tomou o nome de seu raltor em plenário, e lhe é erradamente atribuida como contribuição exclusiva.

Falecido José Manuel Lobo em São Paulo, foi o seu nome reverenciado ~~nas maiores~~ nas maiores representações políticas e legislativas, tendo o líder da maioria da Câmara dos Deputados federais, José Cardoso de Almeida, assim se pronunciado: "Senhor Presidente, com profundo pesar, venho trazer ao conhecimento da Casa a notícia do falecimento, em São Paulo, de nosso antigo colega, ~~xxxxfghjkxyzxzxvbnmxkxymazdfghjk~~ Sr. José Manuel Lo-

bo. Foi ele um dos mais valiosos auxiliares de Francisco Glicério, ~~xxxxxxjdxkx~~ de Campos Sales e de Jorge Miranda na campanha abolicionista e na propaganda republicana. Proclamado o atual regime, o illustre morto ocupou diversos cargos no Estado de São Paulo, dentre eles o de delegado de polícia na cidade de Campinas, posto em que prestou relevantes serviços ao Estado e à República, no restabelecimento da ordem perturbada pelo movimento sedicioso de Ribeirãozinho e Espírito Santo do Pinhal. Eleito deputado por São Paulo, aqui esteve durante seis legislaturas, demonstrando sempre o seu devotamento à causa pública. Dotado de real talento e de vasta cultura jurídica, José Lobo honrou o seu mandato e o desempenhou com raro brilho, não só no meio da Comissão de Legislação Social como também no plenário, discutindo todas as matérias que interessassem à coletividade."

"Chamado pelo inesquecível Carlos de Campos a colaborar no seu governo, em São Paulo, José Lobo aceitou a pasta do Interior, tendo sempre sobre a mesa de trabalho o busto de Francisco Glicério para que o inspirasse em todos os seus atos, na prática de bem servir ao Estado, ao que se dedicou ativamente, e desenvolvendo a instrução e a higiene, assuntos principais do departamento que dirigia. Exerceu com mérito indiscutível as suas funções, e, mesmo assim procedendo com a máxima correção, José Lobo foi vítima das injustiças a que se expõe quase todos os políticos em nossa terra." "Deixando a Secretaria de Estado, viveu - <sup>se</sup> se pode dizer que viveu - lutando com as maiores dificuldades. Acaba de morrer em extrema pobreza, legando à idolatrada esposa e aos filhos, apenas um nome digno. Memórias como essas, Sr. Presidente, devem ser respeitadas por todos aqueles que honram a própria honra e que prezam todos os que souberam cumprir dignamente seu dever" (154).

Na mesma sessão da Câmara dos Deputados, falou o deputado da oposição, Maurício de Lacerda: "Sejam as minhas primeiras palavras, Sr. Presidente, as da mais sincera e comovida associação de sentimentos com os manifestados pelo nosso illustre colega, líder da maioria, relativamente à personalidade de José Lobo, cuja vida pública foi, em rápidos traços, perfilada entre nós pela oração que acabamos de ouvir, e de cuja atividade parlamentar a Câmara terá notícia minuciosa se quiser dar-se ao incômodo de compulsar os documentos pertinentes às leis do trabalho. Os estudos dessas leis, longos, penosos, difíceis, atentos às múltiplas correntes da antiga Comissão de Legislação Social, foram dirigidos, com superior tolerância, com largo descortino, com espírito de transigência, com um saber fazer que bem poucos poderão reproduzir com a mesma facilidade, o mesmo equilíbrio e a mesma clareza de objetivos desse nosso malogrado colega" (~~154~~)<sup>155</sup>. No Senado Estadual, foi Mário Tavares quem memorou a vida e feitos de José Manuel Lobo, tendo ainda afirmado: "O traço saliente de seu perfil de homem social, de jurista e de

político, era a réplica imediata, sem tardança, pelo seu Prisma, do alto de sua maneira de ser. Era a vontade como apanágio a nobilitar a personalidade do brasileiro que se finou. Secretário dos Negócios do Interior no governo do grande paulista que foi Carlos de Campos, imperecível na minha recordação, imprimiu sempre à sua administração o vinco de labor intenso e de patriotismo exaltado" (156)

Na Câmara dos Deputados Estaduais, com idênticas homenagens, com as mesmas palavras sobre a cultura, a dedicação e a capacidade de trabalho de José Lobo, estendeu-se o deputado Valentim Gentil, que ainda relembrou passagens da juventude do falecido parlamentar: "Em idade escolar, ingressou para o Seminário Episcopal de São Paulo, nesse tempo dirigido por monsenhor João Alves, tendo como professores os vultos respeitáveis de Manuel Vicente, Pereira Jorge, Exequias Fontoura e Camilo Passalacqua. E nesse tradicional estabelecimento de ensino, e mais tarde no renomado Colégio Culto à Ciência, de Campinas - onde foi condiscípulo de d. João Néri - o dr. José Lobo fez os seus preparatórios, ingressando, apesar das precárias condições financeiras de seu progenitor, na Faculdade de Direito de São Paulo onde, em 1886, recebeu o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais" (157)

Ainda na Câmara Municipal de São Paulo, sobre este homem público falou o vereador Couto de Magalhães para lhe exaltar as qualidades de coração, de caráter e de intelecto. O governo do Estado deu o seu nome à Escola Normal e Ginásio Estadual da cidade de Registro. José Manuel Lobo deixou, de seu casamento, os filhos:

41 - Ari César Lobo, bacharel em direito, promotor de justiça, falecido, foi casado com Sofia de Almeida Prado, falecida a 20/10/1975, deixando os filhos: 1, José César Lobo, alto funcionário da General Electric em Campinas, casado com Vilma do Rego, com descendência. 2, Ari César Lobo, aviador, casado com Judith Prudente Siqueira, com geração.

42 - Augusto César Lobo, da alta administração do Ministério dos Negócios do Interior, casado com Sílvia de Castro, falecido sem geração.

...

5 - Teresa Eugênia Álvares Lobo, natural de Itu, casada em Campinas em 1890, com Ledrolino Proost de Camargo, natural de Lorena, filho de João Gonçalves dos Santos Camargo e de Carlota Albertina Proost. Sem geração.

...

6 - Elias Álvares Lobo Júnior, natural de Itu, "revelou sua inteligência sem dedicar-se a estudos superiores como seus irmãos. Bom escritor e observador agudo, foi da redação de "A Cidade de Campinas" (158). Falecido em São Paulo em 1934, casou-se em Campinas em 1902,